

ESTA CIDADE É UM DESERTO SEM VOCÊ

Escrito por

Amaranta Batista

2º Tratamento

SINOPSE

Com o peito cheio de mágoa e cabelos azuis ao vento - após uma temporada em São Paulo - SEBASTIÃO retorna à Deserto, cidadezinha cearense onde nasceu e cresceu, mas que nunca enxergou como seu lar. Voltar significa conviver com um povo parado no tempo, reencontrar MOISÉS - o rapaz com quem um dia sonhou ir embora dali - casado e encarar a mãe - que nunca o perdoou a partida do filho -. Após uma péssima recepção, Sebastião decide ir embora de uma vez por todas. Porém, seu plano é interrompido ao descobrir que ponte que liga o povoado ao resto do mundo está quebrada.

Preso na Terra Natal, Sebastião tem a chance de refazer os laços com a mãe e retomar a história com o homem que ainda ama. A bordo de uma bicicleta, o rapaz de cabelo azul mergulha na cidade que o acolhe com o afeto das memórias de infância: o cheiro que vem do engenho, os banhos de rio e a música brega que toca no bar da travesti PAQUITA. Enquanto Moisés, tomado pela emoção deste reencontro, conserta a ponte que os levará à Terra Prometida. No fim, história se repete de forma diferente: Moisés parte rumo ao desconhecido e Sebastião volta para casa na garupa da bicicleta da mãe.

1 **EXT. ESTRADA SERTÃO - DIA** 1

O céu de um azul imenso cobre a paisagem amarela e empoeirada lá fora, longo espaço entre as casas, tudo tão solar, mas solitário.

2 **INT. VAN - AO MESMO TEMPO** 2

SEBASTIÃO (25), um rapaz de cabelo AZUL e mochila sobre o colo, está sentado num banco bem ao fundo, ao lado de uma SENHORA. Com a cabeça encostada no vidro, ele olha a paisagem que corre lá fora.

Ele abre a janela. O ar quente entra, o vento balança seus cabelos.

As conversas no interior do automóvel são desconexas, incompreensíveis, misturadas.

A senhora ao lado de Sebastião se delicia com um pacote de broa, então oferece uma ao rapaz.

Com um sorriso no rosto, ele aceita o biscoito.

SEBASTIÃO

'Brigado.

Sebastião dá uma mordida, a boca se suja de branco. Ele aprecia aquele sabor, o sorriso se prolonga.

Os olhos no sertão veloz.

3 **EXT. PONTE - DIA** 3

O van está parada.

Sebastião, com a mochila nas costas, salta do veículo.

O motorista faz o retorno e volta pelo mesmo caminho.

A poeira da estrada se espalha e cobre Sebastião, que protege os olhos com o braço.

Agora ele está sozinho. Só ele e a ponte de madeira à sua frente.

Ele se mantém parado diante da ponte, encara o *lado de lá*.

Sebastião pisa na ponte com seu *All Star* vermelho e empoeirado. Aqui começa sua travessia. Os olhos curiosos e nostálgicos vagam por todos os lados.

Ao longe, ele vê dois meninos no rio, entre mergulhos e brincadeiras, atiram água um no outro.

No rosto dele há um fino sorriso, os olhos fixos nos meninos que brincam no rio, Sebastião está tomado de lembranças.

Ele chega ao final da ponte. Para. Encara o que fica para trás.

Os olhos molhados de tanto sol, poeira e lembranças.

Sebastião segue em frente e entra na vereda circundada de mata.

4 **EXT. ESTRADA DE DESERTO | FACHADA DA IGREJA - DIA** 4

Sebastião passa por uma igreja abandonada no meio do mato.

A fachada é preta, marcada de fumaça. Um Jesus Cristo crucificado e solitário pendurado lá alto, também marcado de preto.

Sebastião volta a botar o pé na estrada.

Ele olha as primeiras casinhas da cidade de Deserto surgirem lá na frente, ainda tão miúdas.

TELA AZUL

**CAPÍTULO I:
"COMO VAI VOCÊ?"**

5 **EXT. RUAS DE DESERTO - DIA** 5

Deserto é uma cidadezinha pequena e parada.

A rua principal é coberta de areia. As casas são pequenas, antigas e emendadas umas nas outras.

Sebastião, de mochila nas costas, segue pela rua, vigiado pelos olhares curiosos dos moradores que surgem às janelas, portas e calçadas.

Uma música brega surge, vem de algum lugar. É então que um senhorzinho, com um radinho de pilha preso na garupa, passa bem ao lado de Sebastião.

SEBASTIÃO
Opa, seu Damião!

O homem pedala sem olhar para trás.

Sebastião passa em frente ao FORROZÃO DA PAQUITA, como bem diz o letreiro pendurado na fachada.

A travesti PAQUITA (35) varre aquela calçada, distraída, tanto que leva um susto ao perceber Sebastião parado ali em frente.

Sebastião e Paquita sorriem um para o outro. Um sorriso de reencontro, feliz e de lágrimas nos olhos.

Ela larga a vassoura e corre para abraçar o amigo.

PAQUITA
Eu num acredito, não, ó.

SEBASTIÃO
Num te disse que eu vinha?

Os sorrisos se alargam, o abraço é mais apertado.

Paquita segura o rosto do amigo e lhe dá uma boa e demorada olhada.

Ela solta um riso.

PAQUITA
Tu tá parecendo é a *Smurfette*!

Acompanhando a amiga na risada, Sebastião dá um tapinha de brincadeira no ombro dela.

SEBASTIÃO
Depois eu apareço pra gente
conversar mais, viu?

PAQUITA
Vem *mermo*! Vem, sim!

Sebastião deixa Paquita e segue pela ruazinha empoeirada.

Os cochichos entre os moradores decoram sua passagem.

Lá no finzinho da rua, Sebastião para diante da escolinha e contempla a enorme frase escrita naquele muro baixo: "EU LHE AMO MUITO".

Os olhos de Sebastião estão presos àquelas letras tortas e que quase desaparecem com o tempo.

No canto do muro há o desenho de um capeta mal desenhado. Sebastião dá risada quando seus olhos alcançam aquela imagem.

Ao seu redor, vozerio e correria de criança.

Casa pequena, simples. Piso de cimento queimado, paredes de alvenaria marcadas pelo tempo e repletas de quadros de santos. Uma rede divide o cômodo ao meio.

Sebastião de um lado, FRANSQUINHA (48), a mãe, e ALFRIZA (64), a avó, do outro. Sebastião levanta a rede e alcança a avó. Os dois se encaram por alguns segundos, emocionados, então se unem num abraço.

Fransquinha observa, quieta, distante, encostada numa parede, olhos cheios d'água. A cara é tão séria.

ALFRIZA

Meu *fí*, graças a Deus que tu apareceu.

Sebastião coloca as mãos sobre os ombros da avó, olhando para ela.

SEBASTIÃO

Bença, vó.

ALFRIZA

Deus te dê saúde e fortuna.

SEBASTIÃO

Eita,... que eu *tava* era com uma saudade doida da senhora, viu?

Fransquinha, ainda distante e de braços cruzados, faz um muxoxo.

FRANSQUINHA

Que diabo de saudade é essa tua que passou cinco anos sem aparecer?

SEBASTIÃO

Ô, mãe... a senhora acha que é fácil sair de São Paulo pra cá? Não dá pra vir na hora que a gente quer, não.

Alfriza faz um carinho no rosto do neto.

ALFRIZA

Ligue, não... tu sabe que a Fransquinha é *meia* nojenta *réa*.

Sebastião encara a mãe, todo sério.

FRANSQUINHA

E essa cor de cabelo aí?

SEBASTIÃO

O que é que tem?! Ave maria... a
pessoa passa uma *ruma* de tempo fora
e quando chega é recebido desse
jeito.

Alfriza agora passa a mão nos cabelos do rapaz.

ALFRIZA

Isso é moda, Fran. Deixa, o menino
é novo.

Sebastião beija a mão da avó.

Então se aproxima da mãe, estende-lhe a mão direita.

SEBASTIÃO

Bença.

Os dois se olham, sérios.

Demora, mas Fransquinha segura a mão do filho.

Nada é dito.

Sebastião fica de mãos dadas com a mãe, olhos nos olhos. Ele
espera por algo: a bênção.

O silêncio pesa.

O olhar de Sebastião é nervoso.

Fransquinha larga a mão do filho e sai para outro cômodo da
casa.

ALFRIZA

Ô, Fran...

Sebastião encara a avó, triste.

7

INT. CASA DE ALFRIZA | ALPENDRE DA COZINHA - ANOITECENDO 7

Chiado de rádio vindo de dentro da casa. Mudança entre
estações.

Sebastião está na rede, que balança, suave. Ele olha o
passarinho preso na gaiola, um AZULÃO, que ecoa um canto
baixinho, triste.

Fransquinha surge à porta.

FRANSQUINHA

Tu ainda gosta de ovo com a gema mole?

Sebastião vê a silhueta de sua mãe contra a luz.

FRANSQUINHA

Hein, deixo o ovo com a gema mole?

SEBASTIÃO

Ah...deixe.

Da rede, Sebastião observa sua mãe junto ao fogão.

8

INT. CASA DE ALFRIZA | COZINHA - NOITE

8

Sentados à mesa, Sebastião, Alfriza e Fransquinha jantam. Elas em prato de ágata e ele num prato de vidro. O lugar é pequeno, apertado e iluminado por uma lâmpada incandescente.

SEBASTIÃO

Aquele ali ainda é o *mermo* Azulão do avô ou já é o vigésimo?

ALFRIZA

É o *mermim*.

Alfriza sorri.

Os três comem. Silêncio.

SEBASTIÃO

E como foi quando o.. vô morreu?

ALFRIZA

O nego nem sofreu, graças a Deus. Deitou *bonzím* e quando amanheceu... o homem já tava era morto.

FRANSQUINHA

A mãe tem essa moda de dizer que o pai num sofreu... e depois que esse daí ganhou o mundo?

Sebastião reage ao peso destas palavras.

FRANSQUINHA

Tava eu e tua vó aqui feito duas doida, tendo que resolver tudo... Sozinhas.

Fransquinha põe uma colherada de comida na boca, enquanto olha para o filho de maneira acusatória.

Sebastião desvia o olhar, volta a comer.

Alfriza junta os carocinhos de arroz caídos sobre a mesa com as pontas dos dedos.

ALFRIZA

É assim *mermo*... são coisas da vida...

Sebastião concorda com a cabeça, a boca cheia. Ele espia a avó.

Ele percebe que ainda é observado pela mãe, então baixa o olhar.

FRANSQUINHA

Tu trabalha em quê *mermo* por lá?

Sebastião mantém os olhos baixos, em silêncio, prolongando a mastigação.

As duas mulheres olham para ele, como que ansiosas pela resposta.

SEBASTIÃO

Restaurante...

Alfriza sorri, orgulhosa.

Fransquinha se mantém séria, incólume.

FRANSQUINHA

E é?

SEBASTIÃO

Uhum... Mas é de comida chique, viu? Num é qualquer um que pode comer, não.

ALFRIZA

Oia aí, menino!

A mais velha olha o neto cheia de admiração.

A mais nova não desmancha a face carrancuda.

FRANSQUINHA

Mãe, a novena!

ALFRIZA

Fran de Deus, eu já tinha até me esquecido.

As duas se levantam, retiram seus pratos e os deixam na pia.

Sebastião acompanha o movimento das duas.

Alfriza enche um copo de alumínio com água do pote de barro.

SEBASTIÃO
E já começou, foi?

ALFRIZA
Antonte.

Alfriza termina de tomar o copo d'água.

ALFRIZA
Meu *fí* num quer ir mais nós, não?
Hoje é lá na *cumade* Delaide.

Sebastião faz que sim com a cabeça.

9

INT. CASA DE DELAIDE | SALA - NOITE

9

Um círculo formado por mulheres de terço na mão, olhos fechados, imersas na palavra de Deus. Mulheres de rostos flácidos, outras bem jovens.

Há uma imagem da Mãe Rainha sobre uma mesa, enfeitada com flores e luz de velas.

As vozes se misturam numa "Salve-Rainha".

Sebastião, entre Alfriza e Fransquinha, dedica-se a vigiar as mulheres que rezam. Ele se demora na imagem de Paqueta, que diz cada palavra com fervor, carregada de fé.

Sebastião continua a percorrer seu olhar por entre as mulheres, agora ele encara uma moça de vestido florido, simples, o cabelo longo preso com um elástico. Esta é Zí (22), olhos fechados, a oração saindo levemente por entre os lábios, terço azul nas mãos.

Quando a oração acaba e todas abrem seus olhos, Zí e Sebastião se encaram. Ele com um sorriso gentil no rosto, ela está séria, como se tivesse medo dele.

SEBASTIÃO
(baixinho)
Ei, Zí.

A moça responde com um sutil meneio de cabeça, ainda séria.

O sorriso de Sebastião se desfaz em confusão.

10

INT. CASA DE DELAIDE | SALA - NOITE

10

As mulheres estão espalhadas em pequenos grupos. Elas conversam, riem.

Sebastião conversa com Paquita, mas está de olho em Zí, que conversa com uma outra mulher.

Sebastião faz sinal para Paquita esperar e caminha até Zí.

Ele toca o ombro da moça, que reage com um susto.

SEBASTIÃO

Opa, calma, mulher.

Sebastião abraça Zí com afeto, mas ela se mostra indiferente.

SEBASTIÃO

Quanto tempo...

ZÍ

Né?

SEBASTIÃO

Tu ainda dança na banda da Nelsinha?

ZÍ

Eu não.

Zí parece incomodada com a conversa.

Se instala um silêncio constrangedor entre eles.

SEBASTIÃO

Ah... pois bom te ver, viu?

ZÍ

Tá. Boa sorte aí.

Sebastião volta para junto de Paquita, insatisfeito com a estranheza daquele reencontro.

11

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

11

Sebastião e Paquita atravessam aquele universo formado por casas muito parecidas, ruas escuras e empoeiradas, gente aos risos nas calçadas, crianças barulhentas quem correm de um lado para o outro, moças e rapazes ouvem forró na praça.

As pessoas acompanham a passagem dos dois, mas Sebastião está longe, pensativo.

PAQUITA

Sim, Sebastião, mas me diz aqui uma coisa, o que foi que tu veio fazer *mermo*?

SEBASTIÃO

Valha, mulher!

PAQUITA

Tu veio só a passeio? Tu, que se mandou dizendo que nunca mais voltava?

SEBASTIÃO

Isso aí era porque eu *tava* morrendo de raiva do meu avô. Agora ele morreu.

PAQUITA

Também, depois da pisa que ele te deu na frente de todo mundo só porque tu passou *loreal* nos cabelo.

SEBASTIÃO

Eu lá em riba do palco do Forrozão me achando a própria Mylla Karvalho.

O instante de silêncio entre eles é preenchido pelas vozes e música da cidade, a caminhada continua.

SEBASTIÃO

Paquita... E Moisés?

Paquita olha para longe ao ouvir a pergunta e demora um pouco com a resposta entre os lábios.

PAQUITA

Ele... Casou.

Sebastião interrompe seus passos.

Paquita ainda segue, mas para logo à frente.

SEBASTIÃO

Com quem?

PAQUITA

Zí.

O som da cidade cresce ao redor de Sebastião, que agora tem os olhos carregados de tristeza.

PAQUITA

Bora?

SEBASTIÃO

Mulher... pode ir, viu? Depois eu apareço por lá. Ainda tô meio cansado da viagem.

PAQUITA

Pois tá bom.

Sebastião assiste Paquita se embrenhar na paisagem soturna da cidade até ela sumir.

E o rapaz se vê sozinho, seus olhos correm pelo Deserto em torno dele.

12

INT. BODEGA - NOITE

12

Música brega tocando no rádio.

O espaço do local é quase todo tomado por uma mesa de sinuca, onde três homens animados disputam uma partida: MOISÉS (26), TETEU (26) e MARTIANO (28).

Sebastião entra e atrai a atenção de todos que estão ali.

Mas sua chegada mexe de verdade é com Moisés. Os olhos deste rapaz crescem, os lábios estremecem.

Sebastião também reage com certo impacto ao ver Moisés ali, dá pra ver que o encontro acerta ele por dentro.

Moisés só desperta deste transe com o soco de Martiano em seu ombro.

MARTIANO

Vai, Moisés, é tua vez, macho!

Moisés se prepara para a tacada, mas seus olhos ainda buscam Sebastião.

Há fumo de rolo pendurado ao lado de salgadinhos, prateleiras ocupadas por garrafas de bebida, pacotes de arroz, café e biscoito *cream cracker*.

Encostado no balcão, Seu Chico, um senhor de bigode branco, fuma uma cigarro de palha.

SEBASTIÃO

Opa, seu Chico. O senhor tá bom?

Ele olha Sebastião com certa estranheza.

SEU CHICO
Graças a Deus.

SEBASTIÃO
Me veja aí uma dose de empalhada.

O homem tira uma garrafa de cachaça da prateleira, pega um copo americano e não economiza na dose.

Sebastião toma tudo de uma vez só, sem fazer careta, e bate o copo no balcão.

Então ele sorri ao se deparar com o baleiro giratório ali no canto. Ele se aproxima e olha os doces lá dentro.

SEBASTIÃO
Isso aqui é muito a minha infância,
seu Chico, lembra quando eu
capinava o seu terreiro e o senhor
me pagava com uma garrafa de
cajuína...

Sebastião se vira para os homens na sinuca, mas seus olhos focam apenas em Moisés.

SEBASTIÃO
...e três balinhas de coca?

Moisés olha para Sebastião por cima do ombro, com medo e cuidado.

SEU CHICO
Rapaz, venha cá, se eu lhe conheço
eu num tô bem lembrado.

TETEU (25) se aproxima e cutuca Sebastião com o taco da sinuca.

Sebastião se assusta e vira, rápido.

Teteu se encosta no balcão, ri.

TETEU
E esse aqui num é o Sebastião, seu
Chico, neto do finado Análio
Azulão, *fí* da Fransquinha, zeladora
da escola.

SEU CHICO
Isso é tu, Sebastião? E eu
pelejando pra me lembrar quem era.

TETEU

Também, com um *cabelim* de *baitola*
desse, como é que conhece?

Todos riem, inclusive o dono do bar que, ao perceber a indignação de Sebastião, recolhe o riso, envergonhado.

Moisés ri de maneira forçada, nervoso.

Sebastião está sério.

SEBASTIÃO

Teu rabo, Teteu!

Teteu passa a mão naqueles fios azuis.

Sebastião afasta a mão de Teteu com violência.

SEBASTIÃO

Povo *réi* matuto esse daqui! Ainda
bem que lá em São Paulo ninguém
liga pra essas coisas.

TETEU

O cabra nasceu e se criou aqui e só
porque passou um tempo em São Paulo
fica sendo besta.

Sebastião deixa dois reais sobre o balcão e anda até a saída.

SEBASTIÃO

Ainda bem que eu num vou demorar
nesse Deserto *réi*.

Ele lança um olhar magoado sobre Moisés antes de sair.

TETEU

Pois te manda, paulista cearense!

Moisés parece ainda mais incomodado.

Sebastião deixa o bar sob risos e assovios de provocação.

13

EXT. BODEGA | CALÇADA - NOITE

13

Sebastião já está com pé na rua quando Seu Chico o alcança.

SEU CHICO

Tome.

O homem lhe entrega três balinhas de coca.

Sebastião sorri ao pegar as balas.

SEBASTIÃO
 Ô, Seu Chico... sua bodega deve ser
 o único lugar no mundo que ainda
 vende balinha de coca.

Sebastião guarda o presente no bolso.

14

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

14

Sebastião anda pela rua vazia e mal iluminada. Com exceção dos latidos dos cães, tudo é silêncio.

É quando uma pequena luz surge ao longe e avança com certa velocidade.

Sebastião para outra vez e observa a luz que se aproxima.

É uma moto, Sebastião não sai do meio da rua e vê o rosto de quem a pilota: Moisés.

Os dois trocam olhares profundos, carregados de desejo, mesmo que a passagem dure breves segundos.

Sebastião se vira e vê a moto ficar cada vez mais longe, até sumir no breu.

Ele fica ali, parado, mudo.

Estremecido.

15

INT. CASA DE ALFRIZA | QUINTAL - DIA

15

Com uma xícara de café na mão, Sebastião atravessa bananeiras e laranjeiras.

Entre um canteiro de cebolinha e cheiro-verde, touceiras de capim-limão e longas folhas de babosa, ele encontra Alfriza ajoelhada no chão.

Os dedos da senhora estão enfiados na terra, sujos. Ela cava, cava...

O rapaz observa a avó, em silêncio.

Alfriza transfere, com muito cuidado, um pezinho de arruda de um vaso para o buraco cavado ali no chão.

SEBASTIÃO
 Ei, vó.

Sem se distrair do ritual que é transferir a arruda do vaso para a terra, a mulher sorri para o neto.

Sebastião assiste os movimentos da avó.

ALFRIZA

O meu pé de arruda antigo secou
todim, num sei o que foi que ele
viu, aí a cumade Delaide me deu
esse aqui.

Alfriza firma a terra ao redor da arruda.

ALFRIZA

O vaso é pequeno demais, o *bichim*
fica triste, ele quer tá é na
terra, no chão.

Ela faz que vai se levantar, mas vê alguma dificuldade.

Sebastião dá a mão para a avó e ajuda ela a se levantar.

SEBASTIÃO

Vó... eu pensava que o meu problema
aqui era só o avô, mas é Deserto
mermo que num dá pra mim.

Silêncio.

SEBASTIÃO

Eu já tô querendo voltar... minha
vida agora é lá, né?

ALFRIZA

E tu quer ir quando?

SEBASTIÃO

Logo.

Alfriza passa por Sebastião e segue para dentro de casa.

ALFRIZA

Mas vai ter que esperar ajeitarem a
ponte, tão dizendo por aí que ela
tá quebrada, num tem quem
atravesse.

Sebastião fica ali parado, seu olhar confuso acompanha a avó.

SEBASTIÃO

A mãe foi trabalhar na bicicleta
dela?

Alfriza para e olha para trás.

ALFRIZA

Desde que tu sai de casa que ela só
anda a pé.

A mulher segue para o interior da casa.

Sozinho no meio do quintal, Sebastião encara o azulão que voa
de um lado para o outro preso naquela gaiola .

16

EXT. ESTRADA | PONTE - DIA

16

Cercado de mata, Sebastião passa veloz a bordo de uma *Monark Tropical* cor de rosa com fitinhas de São Francisco penduradas
no guidão.

Ele segue em frente, decidido, aflito.

É quando avista a ponte lá na frente.

Ele para.

Sim, a ponte está QUEBRADA.

SEBASTIÃO

Era só o que faltava *mermo...*

Sebastião pedala até chegar mais perto.

Ele salta da bicicleta, caminha até o limite da ponte e, com
certa tristeza, encara o outro lado.

O mundo do lado de lá parece ainda mais distante agora.

17

INT. CASA DE ALFRIZA | QUARTO DE SEBASTIÃO - FIM DE TARDE 17

Sebastião, encolhido numa cama de solteiro, o colchão é bem
fino, fundo. A janela está fechada, mas a luz escapa para
dentro pelas brechas. A mochila de Sebastião em cima de uma
velha cômoda de madeira.

Alfriza aparece à porta.

ALFRIZA

Tu tá sentindo alguma coisa?

SEBASTIÃO

Raiva.

ALFRIZA

De quê, menino? O foi que disseram
contigo?

SEBASTIÃO

Raiva daqui, dessa cidade *réa*
atrasada, desse povo besta... ô
povo do meu abuso!

ALFRIZA

Deixa de zanga, rapaz!

SEBASTIÃO

Será que já mandaram pelo menos
alguém consertar a merda daquela
ponte?

ALFRIZA

Com certeza já avisaram o Moisés,
ele é quem resolve *essas coisa*.

Segundos de silêncio.

ALFRIZA

Agora eu vou ali atizar o fogo. Eu
fiz café, viu?

Alfriza sai.

Sozinho, Sebastião ouve uma música tocar ao longe.

Ele abre a janela, a luz fraca do fim de tarde entra, ele
fica de joelhos na cama, inebriado pela música.

18

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

18

Luzes neon em movimento, forró tocando alto, ao vivo,
vozerio.

São os embalos de sábado à noite no sertão.

O bar é amplo, quase como um galpão, as paredes são decoradas
com capas de DVDs de bandas forró, há cortinas confeccionadas
com CDs.

Lá no fundo, de frente para o salão, há um palco baixinho
onde NELSINHA (25), de saia *jeans* bem curta, blusa mostrando
a barriga e cabelos tingidos de loiro, mal cortados, se
apresenta com uma música de forró.

Nelsinha, toda Menina Veneno, canta, dança e seduz um dos
dois dançarinos.

NELSINHA

(ao microfone)

E joga a mão pra cima e sai do
chão!

No meio da *muvuca*, Sebastião dança ao lado de MADOMPARO (28), que usa regata, bermuda e o cabelo amarrado. Eles se divertem juntos.

NELSINHA
Valeu, Deserto! Valeu, Ceará!
Valeu, Brasil!

Nelsinha dá uma última rebolada para o público e provoca gritos, assovios.

NELSINHA
Até sábado que vem! E quem gostou
solta o grito!

O público obedece.

Com o fim da apresentação, Paquita sobe no palco e Nelsinha lhe entrega o microfone.

PAQUITA
(microfone)
Agora vou tocar forró pra vocês até
umas horas.

Paquita abre a bandeja do Mini System, tira o CD de uma embalagem de plástico, insere lá dentro e dá *play*.

O forró invade o ambiente e o salão comemora.

Com uma garrafa de cerveja na mão, Nelsinha passeia por entre o público, atraindo olhares, encarando com sedução tanto homens quanto mulheres.

Ela se aproxima de Madomparo e Sebastião.

NELSINHA
O meu *Xandy* voltou!

SEBASTIÃO
E aí, *Solanja*!

Nelsinha se atira nos braços de Sebastião.

NELSINHA
Bicha, eu amei demais o teu cabelo!

Na mesma hora os dois dão início a uma dança coladinha.

MADOMPARO
Vou ali comprar uma cerveja pra
mim!

Nelsinha e Sebastião estão completamente envolvidos na dança.

NELSINHA
Me leva pra fazer sucesso lá em São Paulo!

SEBASTIÃO
Mulher, aqui tu já é uma estrela!

NELSINHA
Mas eu quero é brilhar pro Brasil!

Sebastião faz Nelsinha rodopiar.

NELSINHA
Lá tu canta?!

SEBASTIÃO
Não, menina!

NELSINHA
E o que é que tu faz?!

SEBASTIÃO
Trabalho!

NELSINHA
Em quê?

Sebastião ignora a pergunta, continua dançando.

NELSINHA
Hein, tu trabalha em quê?!

SEBASTIÃO
Escritório... Computador!

NELSINHA
Computador? E tu sabe *meno* mexer?

Sebastião desconsidera a curiosidade da garota, ele só dança.

NELSINHA
Ei, tu devia era voltar pra minha banda!

Sebastião dá risada.

NELSINHA
Ora, agora não tem mais o teu avô pra empatar!

SEBASTIÃO
Mas eu num vim pra ficar, não!

Sebastião segue a dança, mas agora ele está sério, pensativo.

19

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

19

O lugar está silencioso, vazio. Luzes coloridas ainda passeiam por todo o espaço.

Sebastião e Paquita estão à mesa. Ele bebe, ela só observa.

O rapaz já está bastante embriagado, tem um cigarro aceso entre os dedos, um copo americano cheio de cachaça na mão.

PAQUITA

Tá pensando em São Paulo, é?

Sebastião levanta o olhar, como quem desperta de um sono. Ele abre um sorriso meio triste.

PAQUITA

Lá tu vive bem?

Sebastião encara as fagulhas acesas de seu cigarro.

SEBASTIÃO

O clima lá é doido... às vez faz uma frieza da porra, tem que andar com três casacos. Parece que a pessoa vai congelar.

Sebastião afunda em pensamentos.

SEBASTIÃO

Lá a gente é obrigado a fazer o que num quer pra sobreviver.

Paquita olha séria para o amigo.

PAQUITA

Como é que tu consegue viver num lugar tão grande e longe daquele?

SEBASTIÃO

Sei lá, minha amiga... Viver é uma peleja danada.

Os dois ficam um tempo em silêncio.

PAQUITA

Sebastião, eu tô morta de cansada, acho que eu vou é me deitar. Mas tu pode ficar aí se quiser, viu?

SEBASTIÃO

Tá bom... Ei, mas liga só o rádio aí pra mim.

Paquita caminha até o balcão e liga o rádio que fica ali em cima.

LOCUTOR DA RÁDIO (O.S)
*Esse é todo o romantismo da FM
 Sertão Norte para os corações
 apaixonados que ouvem o nosso
 "Madrugada de amor" desse Sábado.*

Paquita sai.

Sebastião apoia os cotovelos sobre a mesa e leva as mãos à cabeça. Olhos perdidos no vazio.

LOCUTOR DA RÁDIO (O.S)
*Vai participando com a gente,
 ligue, peça sua música, ofereça
 para quem você ama.*

Sebastião vê a silhueta de um homem parado à porta: Moisés.

Os dois se olham, mesmo que não dê para enxergar o rosto de Moisés, mesmo que o de Sebastião esteja cada vez de uma cor por causa do neon.

LOCUTOR DA RÁDIO (O.S)
*O Reginaldo dedica a próxima canção
 à sua amada Do Carmo: "Como vai
 você?", Na voz do cantor Antônio
 Marcos.*

Os dois continuam imóveis, como se um simples movimento fosse capaz de quebrar este momento.

RÁDIO (O.S)
*Como vai você?
 Eu preciso saber da sua vida
 Peça alguém pra me contar sobre o
 seu dia
 Anoiteceu e eu preciso de saber.*

Moisés dá um passo lento, cauteloso. O rosto dele surge sob as luzes.

Sebastião cola os lábios, segura o choro.

RÁDIO (O.S)
*Que já modificou a minha vida,
 Razão de minha paz tão dividida,
 Nem sei se gosto mais de mim
 Ou de você.*

Desajeitado, Sebastião empurra a cadeira para trás e fica de pé. Ele arrisca dar alguns passos na direção de Moisés.

Moisés permanece no mesmo lugar.

Enquanto caminha, Sebastião toca a superfície da mesa, molha os dedos com a cachaça derramada ali.

As luzes passeiam pelos corpos dos dois.

RÁDIO (O.S)
*Vem, que o tempo pode afastar nós
 dois*

Moisés sai do bar.

RÁDIO (O.S)
Não deixe tanta vida pra depois...

Sebastião corre atrás dele.

O lugar fica vazio, as luzes passeiam entre o teto, as paredes e o chão.

20

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

20

Sebastião corre. Ele respira pela boca, seus pés levantam poeira, suor escorre pelo rosto.

O mundo ali é dividido por escuridão e feixes de uma luz fraca e amarelada que sai dos postes.

Moisés está lá na frente, ele caminha até a sua *Honda CG 125*.

Ele sobe na moto e gira a chave.

Sebastião, ofegante, mantém os olhos em Moisés lá na frente. Ele ouve o ronco do motor, vê o farol acender.

Moisés, a bordo de sua moto, aguarda Sebastião, que...

... chega, salta na garupa, abraça Moisés pela cintura e deita a cabeça nas costas dele.

Moisés acelera e sai.

21

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

21

Ruas vazias. O som da moto correndo veloz.

Sebastião está tão colado em Moisés, como se tentasse ser parte daquele outro corpo.

Há raros postes ao longo da rua, os dois últimos homens acordados desta terra ora estão sob as luzes, ora envoltos nas sombras.

O rosto de Moisés, entre luz e sombras, é sério. Ele olha as mãos de Sebastião, que agora percorrem o seu peito.

Sebastião deixa seus olhos passearem pela cidade, pelas casas coladas umas nas outras, as antenas parabólicas nos tetos, as pipas capturadas pelos fios de energia, o campo de futebol ao longe, tão escuro e solitário, a escolinha de muro baixo.

Uma cidade deserta feita de memórias.

Sebastião sorri, pelo menos agora, está feliz.

22

EXT. ESTRADA DE TERRA - NOITE

22

Sebastião e Moisés seguem por uma estrada ladeada por terrenos vazios a se perderem de vista.

É como se a moto flutuasse neste sertão sem gravidade. *I'm a rocket man*. Sebastião encosta o nariz nas costas de Moisés e, suavemente, aproveita o reencontro com aquele cheiro, olhos fechados de prazer.

Sebastião se esforça para extrair o máximo que pode do cheiro de Moisés.

Dois homens em combustão que somem no breu.

23

EXT. RIO - NOITE

23

Aqui é tudo muito escuro e silencioso. O SOM DA MOTO de Moisés se aproxima.

O farol da moto ilumina parcialmente o local, o rio que corre.

Moisés para, desliga a moto, e tudo volta a ser escuridão, SONS DE GRILO E CORRENTEZA.

Pondo as mãos sobre os ombros de Moisés, Sebastião desce e sai andando até a beira d'água.

Moisés permanece montado em sua moto, os olhos em Sebastião.

Mas ao perceber que Moisés continua lá atrás, Sebastião volta e fica de frente para ele, os dois com as mãos sobre o guidão.

Se encaram por algum tempo.

Moisés desvia o olhar.

MOISÉS

Tu anda *aperriadim* pra ir *simbora*, né?

SEBASTIÃO

É só tu ajeitar a porra da ponte que eu me mando... num sei *cuma* é que uma coisa quebra *dum* dia pro outro.

Silêncio.

MOISÉS

Pensei que tu tinha vindo era pra ficar com tua mãe e tua vó.

SEBASTIÃO

Tá doido, é? Deserto num dá mais pra mim, não.

MOISÉS

Num dá porque tu num quer.

O *moço de cabelo azul* se afasta e começa a andar ao redor do *cara da moto*.

SEBASTIÃO

Eu num quero mais é me esconder, Moisés.

MOISÉS

De quem? Teu avô num tá mais nem aqui pra te meter a sola.

SEBASTIÃO

Todo mundo aqui é um pouco o *véi Análio Azulão*, só que ninguém é doido de me bater.

Moisés permanece em silêncio enquanto Sebastião orbita em volta dele.

SEBASTIÃO

Tu casou.

MOISÉS

E tu pintou o cabelo de azul.

Sebastião para diante de Moisés.

SEBASTIÃO
É, realmente, tem muito a ver uma
coisa com a outra, Moisés.

Sebastião se aproxima ainda mais de Moisés. Lenta e delicadamente.

Até que seus lábios se encostam e eles se unem num beijo tão feroz, como se dependessem disso para viver. Uma mistura de desejo e fúria.

Moisés, preso ao beijo, salta da moto com tanta pressa que ela cai e fica ali, esquecida.

Sebastião arranca a camisa de Moisés e o deita sobre a margem fria do rio.

O beijo continua com a mesma intensidade.

Estes dois rapazes estão desesperados um pelo outro.

Sebastião joga sua camisa longe e deixa que as mãos de Moisés aperte o seu corpo com força e saudade.

SEBASTIÃO
(sussurrando)
Era pra tu ter ido comigo.

Moisés para com os toques e os beijos. Encara o rosto de Sebastião bem de perto.

SEBASTIÃO
Num era pra ter desistido, não.

Como que caíndo em si, Moisés se afasta de Sebastião, cata sua camisa e se veste enquanto caminha de volta para a moto.

SEBASTIÃO
Moisés.

Moisés liga a moto.

O farol ilumina o rosto de Sebastião.

MOISÉS
É isso que tu sempre faz, desiste.

Moisés ACELERA a moto e sai.

Sebastião vê Moisés partir sem ele e sumir por entre o capim e a escuridão.

O RONCO DO MOTOR fica cada vez mais distante.

Solidão.

TELA AZUL

CAPÍTULO II
"EU QUERIA DIZER QUE TE AMO"

24 **EXT. RUAS DE DESERTO - DIA** 24

Céu azul, limpo. Sol forte.

Uma música brega sai do rádio de seu Damião, que atravessa a rua esburacada a bordo de sua bicicleta.

Moisés passa em sua moto. Ele carrega algumas tábuas amarradas na garupa.

Moisés cumprimenta o senhor que passa de bicicleta com um movimento de cabeça.

25 **EXT. RUA | FACHADA DA ESCOLA - DIA** 25

Moisés passa por ali, tranquilo. Então seu olhar é tomado pelo que está escrito no muro.

Moisés para sua moto e encara as palavras escritas com carvão:

"MOISÉS EU AINDA LHE AMO MUITO."

O AINDA é novo, pequeno, espremido entre as palavras antigas.

Moisés segue seu rumo.

26 **INT. CASA DE ALFRIZA | COZINHA - DIA** 26

Música brega tocando lá no fundo, o volume bem baixinho.

Alfriza cantarola, livre, animada.

Sebastião surge por entre a cortina florida que antes fora um lençol.

Ele vê a avó encaixar a tampa de uma panela de pressão com toda a concentração do mundo.

A lenha queima no fogão, a fumaça flutua pela cozinha.

Fransquinha descasca uma cenoura sobre a pia, pano de prato no ombro, cabelo preso num coque. Ela percebe o filho parado ali.

FRANSQUINHA

Eita cu de preguiça, já é bem *mei-*
dia.

SEBASTIÃO

Mulher, você acha que lá em São
Paulo eu ando me acordando com as
galinhas, é? Não senhora...

(pausa)

Eu quero é um cafézim, vó.

Alfriza encaixa a tampa da panela e a coloca sobre o fogão.

ALFRIZA

Pera aí.

Fransquinha segue concentrada em descascar a cenoura, a cabeça balançando de um lado para o outro, teimosa, em discordância.

FRANSQUINHA

Café... já tá *bendizer* na hora do
almoço.

Sebastião mostra a língua para a mãe e larga-se numa risada cheia de provocação.

Fransquinha reage com uma raiva verdadeira e dá um soco no ombro do *maluvido*.

FRANSQUINHA

Seu pirão perdido!

Sebastião reage a dor.

SEBASTIÃO

A senhora tá doida, é?

Alfriza, enquanto coloca um prato de ágata sobre a mesa, tensa com a cena.

Fransquinha parece assustada com o que acabou de fazer, mas se mantém firme, volta a se concentrar na cenoura.

ALFRIZA

Venha tomar seu café, Sebastião,
venha.

Dentro do prato, a velha deixa uma tapioca grande e amarelada pela manteiga.

Sebastião vai à pia e pega uma xícara *Durallex* marrom no escorredor de ferro. Ele olha com desgosto para a mãe.

Ele senta à mesa, derrama café na xícara, morde um pedaço da tapioca e prova do café depois de um longo sopro.

Ele mastiga e se vira para aquelas mulheres e se dedica a observá-las. As duas tão focadas em suas respectivas e costumeiras tarefas.

SEBASTIÃO

Eu passei mais dum ano trabalhando
na horta do Mané Grela, juntando
dinheiro pra comprar uma bicicleta
e lhe dar no dia das mães... aí
você faz é abandonar o meu
presente?

De costas para o filho, dedicada ao corte da cenoura, Fransquinha fecha os olhos e estremece ao ser acertada por aquela pergunta.

FRANSQUINHA

O que eu queria era respeito,
consideração... não diabo de
bicicleta.

Alfriza lança olhares rápidos de um para o outro.

Fransquinha aumenta o volume do rádio num movimento desesperado.

Os olhos de Sebastião a perseguem.

A música é alta demais, perturbadora.

A mais velha sopra o fogo e uma chama cresce, alta, forte, *feito magia*.

Minúsculas fagulhas iluminadas se espalham no ar e vão perdendo o brilho em poucos segundos. Sereno de cinzas caindo sobre os cabelos delas, numa brincadeira de envelhecer.

A seriedade da mais nova, os olhos vermelhos de fumaça, a alça do sutiã escapa da blusa, fica à mostra no ombro. A cenoura cortada em rodela nada precisas.

Com certa tristeza, Sebastião dá uma outra mordida na tapioca e toma mais café.

Agora o chiado da panela de pressão toma conta do ambiente, sopra vapor pela casa.

A cozinha vira um aquário de fumaça, um retrato gasoso de família.

27

EXT. RUAS DE DESERTO - DIA

27

Sol forte na cabeça. Leve vozerio ao longo da cidade.

Sebastião pedala uma *Monark Tropical* rosa. Sorriso no rosto, cabelos soprados pelo vento.

Ele avista o "MOISÉS EU AINDA LHE AMO MUITO", sua declaração de amor estampada no muro da escola e aperta o freio da bicicleta.

O rapaz contempla aquelas palavras com sorriso orgulhoso.

Então Nelsinha surge atrás do rapaz. Ela usa um biquíni, saia jeans bem curta e sandália gladiadora com tiras que vão até a metade da perna. Os pés cinzas de poeira.

Ela aponta o desenho do satanás ali do lado.

NELSINHA

Aquele dali foi eu que fiz, tu se lembra? É aquele professor réi de matemática...

SEBASTIÃO

O Marquim!

NELSINHA

Era! Esse cão aí *mermo*!

Os dois caem na gargalhada.

SEBASTIÃO

Ave Maria, nós morria de raiva dele.

NELSINHA

Também, só ensinava coisa *réa* difícil.

Sebastião dá risada.

NELSINHA

O povo mangava que só do condenado, diziam que ele era *viado*.

O riso de Sebastião se desmancha.

NELSINHA

Até tu, viu, *bichim*? Eu me lembro.

Silêncio.

Nelsinha senta na garupa da bicicleta de Sebastião.

NELSINHA

Pois me dá uma carona até ali no
engenho, quero ver se já tem puxa-
puxa.

Sebastião olha só mais uma vez para a sua declaração exposta
ali pra todo mundo ver.

28

EXT. RUAS DE DESERTO - DIA

28

Sebastião pedala ao longo da rua, Nelsinha vai na garupa.

A menina e o rapaz acenam para os mais velhos do lugar,
espalhados pelas calçadas. Eles aproveitam o domingo e a
velhice em suas cadeiras de balanço espaguete.

NELSINHA

O senhor tá *bonzím*, seu Damião?

As ruas são vazias, calmas. O único som presente é o das
vozes de Sebastião e Nelsinha.

SEBASTIÃO

Dona Maculada, como é que a
senhora, tá?!

A senhorinha não reage ao cumprimento do rapaz.

Atrás dele, Nelsinha da risada.

NELSINHA

Ela ficou moca, doido.

SEBASTIÃO

Ô, meu Deus, a bichinha!

E os dois seguem a bordo da bicicleta por esse universo
empoeirado...

Mesmo quando somem no dobrar de uma esquina, seus risos
flutuam por entre as casas e as conversas de calçada.

29

INT. CASA DE ENGENHO - DIA

29

Homens mexem uma calda em enormes tachos fumegantes.

Enquanto abelhas voam por ali e pousam nas formas
retangulares de rapadura.

O som do moinho, onde um rapaz empurra as canas para serem trituradas, toma conta do ambiente.

Do outro lado a garapa escura escorre por um cano para dentro de um grande recipiente.

Nelsinha chega por ali toda despojada, enfia o dedo nas rapaduras ainda moles.

Sebastião vem logo atrás, ele olha para tudo com certa alegria.

Os visitantes recebem acenos de cabeça e sorrisos dos que trabalham ali.

30

EXT. ATRÁS DO ENGENHO - DIA

30

Deitados sobre um amontoado de bagaços de cana, as cabeças se encostando, as mãos voltadas para o céu, esticando o puxa-puxa de melado.

Sebastião lambe a ponta dos dedos e aprecia o sabor de olhos fechados.

NELSINHA

Ei, deixa eu ir-me embora mais tu.

Sebastião interrompe o movimento de puxar e repuxar, então olha para a menina ao seu lado.

SEBASTIÃO

Tu também num gosta daqui, é?

NELSINHA

Gostar eu gosto... mas eu quero ir lá pra São Paulo, ficar rica, aí depois eu volto toda bonita e cheirosa pra fazer inveja as bestas daqui.

Encarando o céu, Sebastião morde um pedaço do doce.

SEBASTIÃO

Ê, Nelsinha... esse mundo *réi* é *mei* difícil.

Nelsinha fica de bruços, apoiada pelos cotovelos e olhando para Sebastião.

NELSINHA

Num foi isso que tu foi fazer lá?

Sebastião fica em silêncio por um tempo, pensativo.

Os olhos de Nelsinha sobre ele.

SEBASTIÃO
Eu fui viver.

Sebastião sorri para Nelsinha, apertando de leve a ponta do nariz dela.

NELSINHA
É que eu num quero passar a vida
toda botando janta pra macho que
nem a minha mãe, não.

Sebastião volta a esticar o puxa-puxa. Devagar e sem parar, até ficar por um triz e...

NELSINHA
Mas eu acho que ia morrer de
saudades desse lugar *réi*, né?

... partir o doce ao meio.

31

EXT. CAMPO DE FUTEBOL - FIM DE TARDE

31

Gritaria, risos, bola rolando no campinho de areia.

Homens, mulheres e crianças nos arredores do local, que é quase todo cercado por uma mata, distante das casas.

Os times são divididos entre os "com camisa" e os "sem camisa". Shorts leves, suor escorre pelos corpos.

Sebastião e Nelsinha chegam de bicicleta.

Nelsinha salta da garupa antes de Sebastião apertar o freio e anda em direção ao público que assiste a partida.

Sebastião para e deixa sua bicicleta embaixo de uma árvore, junto de algumas outras.

Sebastião observa tudo, um pouco mais afastado.

Ele vê Zí.

Nelsinha se vira e vê Sebastião parado lá atrás. Ela o chama com um gesto de mão.

Sebastião caminha até Nelsinha, que está envolvida numa conversa com outra moça.

MOÇA
Sebastião, rapaz, quanto tempo!

SEBASTIÃO
Pois num é.

MOÇA
Ó aí o cabelo do bicho, todo
estiloso.

Sebastião passa mão nos fios azuis, sorri, *se acha*.

MOÇA
Voltou de vez ou tá só passeando?

SEBASTIÃO
Só vim passear *mermo*, não me
acostumo aqui mais não.

MOÇA
Chega uma hora que dá saudade de
quem a gente gosta, né?

Sebastião procura o rosto de Zí, que está ali perto, com os
olhos no campo, mas dá pra ela ouvir tudo.

SEBASTIÃO
É... dá *mermo*.

Agora ele passa os olhos por todos aqueles homens em campo e
encontra ele: Moisés.

Ali está ele, sem camisa, corpo molhado de suor, sujo de
areia.

Nelsinha cutuca Sebastião.

NELSINHA
Me dá um real aí pra eu comprar um
picolé pra nós.

Sebastião enfia a mão no bolso e pega sua carteira.

Ele abre um sorriso ao entregar a nota para Nelsinha.

SEBASTIÃO
Vê se tem de *babalu*.

Nelsinha levanta o polegar para o amigo e sai.

Sebastião lança os olhos sobre o campo e persegue Moisés. E
fica assim por um tempo, até

Olha um pouco de lado, presta atenção em Zí.

Sebastião desvia o olhar e vê Nelsinha chegar.

Ela lambe um picolé azul e entrega o outro, que também é azul, para Sebastião.

Os dois ficam lado a lado, observam o jogo.

Nelsinha repara na sede e prazer com que Sebastião chupa o picolé.

NELSINHA

Hum... meu *fí* gosta dum *babalu*, né?

Sebastião para e olha para a amiga, cheio de malícia.

SEBASTIÃO

Babalu é meu outro nome.

Nelsinha solta uma risada.

NELSINHA

Tu tem cada *rumação*.

O time para a bola.

Lá do meio do campo, Teteu acena para Sebastião.

TETEU

Sebastião, *baitola*, chega aqui!

Sebastião ergue o dedo do meio para Teteu.

SEBASTIÃO

Vai pra porra!

Teteu corre até Sebastião.

TETEU

Joga uma partidinha ali mais nós, *viado*!

SEBASTIÃO

Eu tenho nome.

NELSINHA

É brincadeira, tu sabe *cuma* é o Teteu.

Sebastião ainda está incomodado.

SEBASTIÃO

*Mer*mo assim...

TETEU

Anda, macho. Bora jogar. Que nem quando nós era menino.

Sebastião pensa, quase sorri.

32

EXT. CAMPO DE FUTEBOL - NOITE

32

Pés correm pelo campo, a bola para lá e para cá. Todos usam chuteira, apenas um está descalço.

O pé descalço faz um drible, é Sebastião. Ele está de camisa, rosto suado.

Moisés parte para tirar a bola de Sebastião na corrida para o gol. Os corpos se batendo uns contras os outros, os fluidos se misturam...

Moisés toma a bola de Sebastião, que não desiste e corre atrás.

Os outros jogadores abrem espaço.

Moisés ofegante, solta ar pela boca, o peito infla e murcha.

A bola sai do pé de Moisés e fica sob a posse de outro homem.

Moisés e Sebastião se encaram, sérios.

Gritaria em campo. Um chute faz a bola voar sobre os homens e cair de volta no campo.

Sebastião corre para chutar, mas é cortado por Moisés, que rouba a bola e dribla os adversários com maestria. Um por um.

Até que é surpreendido por Sebastião bem ali, ele toca o seu peito enquanto tenta lhe roubar a bola.

Moisés, numa reação rápida, segura o braço de Sebastião e...

Isso dura alguns segundos, até que Moisés desperta e lembra de todos que os cercam.

Assim, abruptamente, Moisés empurra Sebastião, que cai de costas na areia.

Os outros jogadores se aproximam.

Moisés olha Sebastião ali no chão por algum tempo e oferece a mão para ajudá-lo. Seu braço parece tão rígido ao se esticar na direção de Sebastião, como se fosse necessário um esforço hercúleo para executar uma ação tão simples.

Sebastião segura a mão de Moisés e é erguido do chão.

Os dois ficam de mãos dadas durante segundos no centro do campo, no meio dos homens.

Moisés larga Sebastião e lhe dá as costas, anda para fora do campo.

Os outros homens se dispersam, o jogo acabou.

Sebastião permanece no centro do campo, sozinho, enquanto os outros caminham para longe.

33

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

33

Forró toca alto, conversas e risadas.

Sebastião olha Moisés tomar cerveja numa outra mesa, com os caras do futebol.

O local está cheio de homens.

À mesa com Sebastião, Nelsinha, acomodada no colo de Madomparo. Ela se remexe ao som da música.

Paquita assiste tudo do balcão, mão no queixo, sorriso no rosto.

TETEU

Paquita, trás mais umas cinco
buchudinha aí pá nós!

MARTIANO, um dos rapazes do time, olha para a mesa de Madomparo.

MARTIANO

(apontando para Madomparo)
E eu que era doido por aquela
infeliz ali!

Todos riem.

MARTIANO

Eu dava caixa de chocolate e
tudo...

TETEU

E agora tá aí, mais macho do que
tu!

A mesa toda ri, menos Moisés, que abre sorrisos constrangidos.

Paquita se aproxima e coloca três garrafinhas de cerveja sobre a mesa.

TETEU

Ô Paquitinha, minha vida, eu lhe pedi foi cinco, num foi?

PAQUITA

Foi... Mas só tem essas aí. A ponte tá quebrada, *cuma* é que eu saio daqui pra comprar alguma coisa?

Paquita olha para Moisés.

PAQUITA

Tô esperando esse bonito aí dar um jeito.

MOISÉS

Se eu comecei hoje, *muié!* Eu num sou o *Dê flash*, não.

PAQUITA

Pois dê seus pulo!

Martiano passa a mão por todas as curvas do corpo de Paquita.

MARTIANO

E uma bichona dessa aqui, Teteu, tu encarava?

Paquita fuzila Martiano com o olhar.

Enquanto Teteu abre uma das garrafas de cerveja, calado.

TETEU

Ê, Martiano... tá vacilando, é?

Paquita segura a mão de Martiano e o empurra com força.

PAQUITA

Raspe pra fora daqui!

MARTIANO

Peraí, Paquita, eu *tava* só brincando!

PAQUITA

Tu tá cansado de saber que eu num dou liberdade pra *seu ninguém* andar de brincadeirinha comigo.

Sebastião assiste com admiração Paquita colocar Martiano pra fora do Forrozão.

Depois de cumprir a missão, Paquita passa pela mesa dos rapazes de cabeça erguida, enquanto todos tomam suas cervejas, calados.

Sebastião acompanha cada passo de Paquita.

Ela caminha até o balcão, seca a superfície de madeira com um pano de prato, cheia de firmeza e atitude.

Sebastião um sorriso aberto dedicado a ela.

E lá está aquela mulher que, ao perceber o olhar de Sebastião, lança um aceno de cabeça e um sorriso.

34

EXT. FORROZÃO DA PAQUITA | QUINTAL - NOITE

34

A música vem lá de dentro.

Sebastião fuma um cigarro, sozinho, olha o céu.

É quando Madomparo surge bem ao lado dele, uma cigarro apagado entre os dentes.

Ela enfia a mão no bolso do amigo e tira de lá o isqueiro. Ela acende o seu cigarro e devolve o isqueiro.

Ambos soltam fumaça pela noite.

MADOMPARO

Eu sou doida pra pedir a Nelsinha
em namoro...

Sebastião olha para a amiga, olhos arregalados, a fumaça escapa suave pela boca.

SEBASTIÃO

Ora, pois pede.

Madomparo faz que não com a cabeça.

MADOMPARO

Fico pensando no falatório do
povo...

SEBASTIÃO

Quem é que liga?

MADOMPARO

Quem foi que se mandou daqui por
gostar dum menino?

Sebastião encara Madomparo por algum tempo, confuso.

SEBASTIÃO
Como é que tu sabe?

MADOMPARO
A Paquita me disse que o *vêi* Análio
pegou vocês dois atracado num beijo
lá na beira do rio.

Ele vira o rosto e solta uma baforada.

SEBASTIÃO
Depois disso a minha vida virou um
inferno. Ele não contou pra *seu*
ninguém, morria de medo do povo
saber... Já pensou? Todo mundo por
aí dizendo que o neto do Análio
Azulão é *viado*.

MADOMPARO
Ele até morria.

De repente, a música "*EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA
CANÇÃO*", de Fernando Mendes, começa a tocar lá dentro.

Sebastião levanta o olhar, reconhece a melodia.

35

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

35

Sebastião sobe no palco e tira o microfone do pedestal, dá
uma olhada nas mesa, de onde todos olham para ele.

E encontra o olhar de Moisés.

É para ele que Sebastião canta.

SEBASTIÃO
*Esse amor que trago em mim,
Eu não sei se é certo,
Encontrei o meu jardim
Em pleno deserto.*

Todos assistem a apresentação de Sebastião.

Paquita senta ao lado de Nelsinha.

NELSINHA
A minha dupla voltou! Arrasa,
Babalu!

Madomparo chega por ali. Ela puxa uma cadeira e se junta a
Nelsinha e Paquita, os olhos voltados para a moça por quem é
apaixonada.

SEBASTIÃO
*Toda vez que tento te falar
 Não contendo minha emoção
 Eu queria dizer que te amo
 Numa canção.*

Sebastião é o foco. Este rapaz de cabelo azul, sob luzes de toda cor, sorri para o seu público, mas é para Moisés que ele canta.

Moisés, aquele rapaz ali sentado, de rosto apoiado entre as mãos e sorriso tímido.

SEBASTIÃO
*Eu queria dizer que te amo
 Numa canção.*

Aplausos, assovios e...

O sorriso de Moisés.

36

EXT. CASA DE ALFRIZA | SALA - MANHÃ

36

Sebastião se balança na rede, olhos murchos de sono.

Fransquinha chega ali, ela segura a rede e interrompe o balanço.

FRANSQUINHA
 Tu chegou *inda* agorinha, num foi?

SEBASTIÃO
 Uhum...

A mulher balança a cabeça em discordância.

FRANSQUINHA
 Se aqui é desse jeito, imagine...
 tu deve virar o cão lá por São
 Paulo.

Fransquinha permanece ali de pé, espia Sebastião.

FRANSQUINHA
 Respeita *meno* tua vó?

Ele encara os reflexos na televisão de 14 polegadas desligada, *black mirror*.

SEBASTIÃO
 E quem é que tá desrespeitando
 ninguém aqui?

FRANSQUINHA

Tu, quando se mandou aí no mundo
sem pensar em ninguém, quando
voltou com o cabelo dessa cor. Se
teu avô tivesse vivo e visse um
negócio desse...

SEBASTIÃO

Mas num tá! Deixa o véi descansar,
mulher!

FRANSQUINHA

Ele morreu foi do desgosto que tu
deu pra ele.

Sebastião segura as duas pontas da rede e se cobre num
esconderijo.

SEBASTIÃO

Ele morreu porque Deus quis. Num é
isso que vocês dizem? Então pronto!
Agora vá trabalhar, mãe, vá.

Fransquinha respira fundo, os olhos se enchem d'água.

Ela sai, devagar, antes de sair, olha mais uma vez o filho
naquele *casulo*.

37

EXT. ESTRADA | PONTE - DIA

37

Sebastião pedala por entre a mata.

Ele avista a ponte lá na frente e Moisés sentado bem na
entrada.

Moisés avista a chegada de Sebastião.

Sebastião para a bicicleta, mas não desce, fica ali com os
olhos em Moisés.

SEBASTIÃO

Tu acha que ainda demora muito?

Moisés permanece em silêncio, encara Sebastião, os olhos
semicerrados por conta do sol .

Moisés levanta, pega uma tábua e anda até o meio da ponte,
onde o espaço vazio começa.

Sebastião pedala mais um pouco, então deita a bicicleta no
chão e caminha sobre a ponte.

Moisés está de joelhos, com uma martelo na mão, ele encaixa a tábua no vão.

Moisés não olha para Sebastião nem por um momento.

Sebastião retira uma bala de coca do bolso e oferece a Moisés.

SEBASTIÃO

Pra tu se lembrar do gosto, de mim...

Moisés pega a bala, da mão de Sebastião e guarda no bolso de trás da calça.

MOISÉS

Ninguém tá te prendendo aqui, não, viu?

Olhos nos olhos por um breve instante.

E Sebastião caminha para fora da ponte.

Moisés arrisca olhar para trás.

MOISÉS

Ei!

Sebastião interrompe seu passos e olha para trás.

38

EXT. CANAVIAL - DIA

38

Pendões de cana-de-açúcar balançam ao sabor do vento. O tom de um leve rosado contra o céu azul a se perder de vista.

Os olhos de Sebastião apreciam este retrato natural. Os rosto queima ao sol.

SEBASTIÃO

O véi Zé Gino ainda vigia tudo por aqui, é?

Sebastião baixa o olhar e vê Moisés quebrar uma cana.

Eles estão cercados por altas canas e palha verde.

MOISÉS

Ora se não... quando morrer é capaz da alma dele ficar andando por aqui.

Moisés entrega uma cana para Sebastião. Mas arregala os olhos, assustado com algo que vê lá atrás.

MOISÉS

Cooorre!

Um senhor baixinho, chapéu de palha cabeça e facão na mão, corre na direção deles.

ZÉ GINO

Vão roubar as cana do *padrim* de vocês, seus *baitinga*!

Sebastião e Moisés correm por entre o corredor verde que se estende à frente. Eles soltam vaias e risadas.

Folhas passam por seus rostos, palhas secas estalam sob seus pés, mas seguram suas canas com firmeza, é questão de honra sair dali com elas.

O senhor cansa durante a perseguição e para, ele fica para trás e vê a dupla desaparecer em alta velocidade.

Sebastião arranca sua camisa durante a fuga, o corpo todo suado, o vento em seus cabelos.

Um retorno à infância.

39

EXT. RIO - DIA

39

Sebastião e Moisés sentados na margem. Lado a lado. Torsos nus. Os pés mergulhados na água.

Silêncio entre eles. O som da correnteza.

Moisés descasca a cana com um pequeno punhal.

SEBASTIÃO

Tu ainda deixa por aqui a bucha e um *pedacim* de sabão?

MOISÉS

Tá ali dentro do capim, num *saquim* de arroz.

Os dois dão uma breve risada, compartilham alguma memória.

Moisés entrega a cana já descascada para Sebastião.

Com um olhar distante, Sebastião chupa a cana.

Moisés o observa.

MOISÉS

E como é lá em São Paulo?

Sebastião levanta o olhar, como quem desperta de um sono.

SEBASTIÃO
São Paulo só tem tamanho... De
resto, é o *mermo deserto*.

Olhos nos olhos.

Sebastião parece triste.

MOISÉS
Ei, sabia que eu gostei foi muito
desse teu cabelo aí?

Sebastião sorri, passa a mão pelos fios, exibido.

SEBASTIÃO
E... tu gosta da vida que leva?

Tempo... silêncio...

MOISÉS
Num é ruim, não... É tranquila. Zí
é uma *muié* boa.

Sebastião movimenta os pés dentro da água com lentidão.

SEBASTIÃO
Esse lugar engana a gente demais,
parece que o tempo não vai passar
nunca, mas ele passa.

De repente, Sebastião fica de pé.

Olha para Moisés.

SEBASTIÃO
Conta.

Ele salta e desaparece no fundo do rio.

Moisés encara a água, o local exato onde Sebastião sumiu.

MOISÉS
Um... dois... três... quatro...

A expiração de Sebastião faz a água borbulhar.

Solzinho morno.

A rua está apinhada de crianças no meio de um pique-bandeira.

Sebastião pedala já bem perto de casa e avista Alfriza sentada na calçada.

Ele para a bicicleta na frente da avó.

A mulher segura um terço nas mãos, sorri para o neto.

Sebastião deita a bicicleta no chão, então se senta ao lado de Alfriza.

SEBASTIÃO

Tá rezando pra quê uma hora dessa,
vó?

Alfriza aperta o Cristo crucificado entre os dedos.

ALFRIZA

Pra eu ainda alcançar o dia que tu
voltar aqui.

Sebastião olha a avó com certa tristeza.

SEBASTIÃO

Ô, mulher... pare de se agourar.

Alfriza respira fundo.

ALFRIZA

O pobe réi do teu avô tinha aquele
jeito, mas era doido por ti.

Sebastião passa a observar a brincadeira das crianças, mas seu olhar parece distante, além dali.

ALFRIZA

Quando tu se mandou... ele pegou
aquela bicicleta da tua mãe e saiu,
foi atrás de tu. Na cabeça dele tu
tava era por perto.

Pausa.

ALFRIZA

Dizendo ele que só voltava contigo
na garupa.

Sebastião tem os olhos cheios d'água.

O rádio toca baixinho em cima de um velho armário.

Sebastião junto ao fogão de lenha, ele frita um ovo.

Alfriza está à mesa, colher na mão, um prato com arroz e feijão à sua frente. Ela olha o neto.

Fransquinha entra. Cabelos molhados, soltos.

ALFRIZA

Opa, minha *fía*, sente aí, que hoje a janta é por conta do nosso funcionário de restaurante.

ALFRIZA

Ixe, que alma é que vai se salvar hoje?

Fransquinha puxa uma cadeira e se senta.

SEBASTIÃO

Ora, se até o arroz foi ele que fez, tá até com *gostim* de alho queimado.

Fransquinha ergue as sobrancelhas, irônica.

Sebastião se aproxima. Ele segura a frigideira com um pano de prato, o utensílio é preto de fuligem, velho, sem cabo.

SEBASTIÃO

Olha o disco voador aí.

Sebastião coloca o ovo frito, inteirinho, sobre o arroz da avó.

Sebastião volta para junto do fogão.

SEBASTIÃO

E a senhora, mãe, vai querer o seu com a gema mole, é?

ALFRIZA

Do jeito que eu gosto.

Sebastião quebra o ovo com cuidado sobre o óleo fervente.

FRANSQUINHA

A mãe da Nelsinha tava me perguntando o que foi que tu trouxe pra mim lá de São Paulo.

Pausa.

FRANSQUINHA

Ela andava com uma história de que tu trabalha é com computador, que deve ganhar bem que só.

Sebastião continua de costas para a mãe, encostado no fogão, os olhos fixos no ovo.

Silêncio.

ALFRIZA

Ô povo pra querer saber da vida dos outros! O que é que ela tem nada a ver, hein? O menino trabalha é em restaurante, ele *mermo* disse! Agora pronto, vão querer saber mais do que ele, é?

Ainda de costas para aquelas duas mulheres, em silêncio, Sebastião coloca arroz e feijão num prato. Então termina com o ovo de gema mole.

Ele leva o prato à mesa e coloca diante de Fransquinha.

Os dois se olham, guerra fria.

ALFRIZA

A comida tá boa que só, viu, meu *fí*? Quando tu voltar pra lá já pode ser é o cozinheiro do restaurante.

Sebastião faz carinho no ombro da avó e lhe oferece um sorriso tímido, enquanto a mãe o encara.

SEBASTIÃO

E o terço hoje é onde *mermo*, vó?

ALFRIZA

No *bichim*... no Moisés.

Sebastião sorri, pensativo.

42

INT. CASA DE MOISÉS | SALA - NOITE

42

O lugar é muito simples. As paredes sem reboco exibem imagens de santos. Quase não há móveis, apenas uma pequena TV sobre um rack de ferro, meio torto, e quatro cadeiras de plástico cor de vinho.

O terço acontece à luz de velas.

Todos os presentes cantam, menos Sebastião, que está entre Alfriza e Paqueta.

TODOS

(cantando)

*O povo de Deus no deserto andava
Mas à sua frente Alguém caminhava*

(MORE)

*O povo de Deus era rico de nada
Só tinha a esperança e o pó da
estrada...*

Sebastião repara em Moisés, que está de olhos fechados ao lado da esposa.

TODOS

*Também sou teu povo, Senhor
E estou nessa estrada
Somente a Tua graça me basta e mais
nada!*

Moisés abre os olhos bem de leve e descobre que Sebastião o vigia.

Os dois se encaram, tão distantes.

TODOS

*O povo de Deus também vacilava
Às vezes custava a crer no amor
O povo de Deus, chorando, rezava
Pedia perdão e recomeçava.*

Moisés volta a fechar os olhos.

Então fecha os olhos e sua voz se une ao cântico de todos os presentes.

TODOS

*Também sou teu povo, Senhor
E estou nessa estrada
Cada dia mais perto da terra
esperada!*

43

INT. CASA DE MOISÉS | SALA - NOITE

43

Agora todas as luzes estão acesas.

As mulheres tomam café e conversam. É um vozerio desconexo, vários tons de voz e risos. Paquita distrai o grupo com alguma história. Todas a ouvem de olhos bem atentos.

Sebastião, sentado numa cadeira no canto da sala, observa tudo.

Do outro lado, encostado à porta, Moisés.

Os dois tentam disfarçar as constantes trocas de olhares.

Zí faz parte da conversa com Paquita, mas sem deixar de reparar sempre em Sebastião.

É quando ela deixa o papo e sai da sala, entra decidida num outro cômodo da casa.

Sebastião e Moisés se encaram com mais liberdade, embalados pela conversa animada das presentes.

Eis que Zí volta à sala e para diante de Sebastião. Ela segura um ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS e o entrega ao rapaz.

Ele encara a mulher com certa dúvida, mas pega o álbum.

Ela volta para a conversa entre mulheres.

Assim que Sebastião abre o álbum, é recebido pelos sorrisos de Zí e Moisés. Estão vestidos de noivos, um registro do dia em que casaram.

Na página seguinte, os recém-casados UNIDOS NUM BEIJO.

Sebastião procura por Moisés com o olhar e o encontra no mesmo lugar, mas agora Zí está ao seu lado.

O riso das mulheres enfeita a tristeza de Sebastião.

44

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

44

Silêncio. A luz amarela dos postes e sombras.

Sebastião caminha sozinho pelo meio da rua. Cabeça baixa, pensamento em outro lugar.

De repente, ele é despertado por dois rapazes que passam em suas bicicletas. Um deles é Martiano.

Eles cochicham algo entre si, soltam uma alta gargalhada em seguida.

De forma discreta, Sebastião olha para trás, tenso, receoso.

Ele apressa o passo.

É quando surge o barulho e a luz de uma moto que vem lá de trás.

A moto medida que a luz se aproxima, Sebastião fica mais ansioso, fecha os olhos, segura a ânsia de olhar para trás.

Enfim, a moto passa por ele, é Moisés.

Sebastião olha ele se distanciar e sorri.

45

INT. CALÇADA DA ESCOLA - NOITE

45

A moto estacionada.

Moisés, sentado na calçada, aguarda a chegada de Sebastião.

Sebastião avança em passos rápidos na direção de Moisés e senta bem ao lado dele.

Moisés se afasta um pouco, meio assustado, olha para todos os lados.

Sebastião olha para o "EU AINDA LHE AMO MUITO" logo atrás deles.

SEBASTIÃO

Faz tanto tempo, mas ainda tá aí...

Moisés encara a declaração estampada no muro.

MOISÉS

Tu da baixa da égua pr'uma banda e eu tendo que ver isso aí todo dia.

Moisés e Sebastião se olham, seus rostos tão perto.

SEBASTIÃO

Sabia que tu fica muito bonito de terno?

Moisés solta um riso irônico.

Sebastião encosta a cabeça no ombro de Moisés, que se surpreende com o ato, fica nervoso.

Moisés não diz nada. Apenas deixa que uma de suas mãos toque o cabelo de Sebastião.

Um toque delicado, medroso, lento...

De repente, Moisés segura os ombros de Sebastião e o afasta.

Estes dois homens em combustão se encaram.

As mãos ainda sobre os ombros.

Então Moisés solta o outro rapaz e caminha para a moto.

Mas antes de deixar o local, ele ainda olha para trás, para Sebastião, para a declaração de amor.

Moisés sai.

Surge o som do motor, aquele som de sempre, das chegadas e despedidas.

46

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

46

Tudo é tão escuro e vazio.

Sebastião vaga solitário pelo Deserto.

Até que os rapazes de antes surgem bem atrás de Sebastião. Pedalam devagar, aos risos.

Sebastião segue em frente, tenta não se mostrar incomodado.

Até que, de surpresa, ele leva um tapa na cabeça.

MARTIANO

Isso lá é cabelo de homem!

Os algozes passam, ligeiros.

Sebastião olha com incredulidade para aqueles dois, que se distanciam com muita rapidez e espalham altas e debochadas risadas.

SEBASTIÃO

Vão pra *baixa da égua*, seus *fí* de rapariga!

Sebastião encara, numa mistura de tristeza e raiva, a cidade à sua volta, agora tão sombria.

Ele respira alto, com força, quase como quem chora.

47

INT. CASA DE MOISÉS | QUARTO - MADRUGADA

47

Silêncio, luz de vela.

Zí dorme sozinha na cama de casal, encolhida sob um fino lençol.

Moisés surge por entre a cortina, passos cautelosos, olhos na esposa, todo o cuidado do mundo para que ela não perceba sua chegada.

Ele arranca a camisa e a pendura na cabeceira.

Moisés deita devagar na cama. Repara na esposa, ela ainda dorme.

Ele enfia a mão no bolso da frente e retira a bala de coca.

Ele fita o doce por alguns segundos, então retira o plástico e o leva à boca.

Moisés fecha os olhos, seus lábios se esticam levemente num sorriso.

ZÍ

Moisés?

Moisés abre os olhos, rápido, um pouco assustado.

MOISÉS

Hum?

A mulher nem muda de posição.

ZÍ

Vê se tu conserta o *diacho* daquela ponte logo... a vida de todo mundo precisa andar pra frente.

Um silêncio pesado paira sobre a cama do casal.

MOISÉS

Eu vou.

Ele se vira para o lado e apaga a vela com um sopro.

Escuridão.

TELA AZUL

CAPÍTULO III: "FICA"

48

EXT. RUAS DE DESERTO | MURO DA ESCOLA - DIA

48

Música brega invade o deserto.

O senhor que carrega um rádio em sua bicicleta passa por Sebastião.

O rapaz segue a bordo de sua *Monark Tropical* - com vento em seus cabelos, fisionomia séria - olha sempre em frente, sem distrações.

Até que ele passa em frente ao muro da escola e para ali diante da sua declaração de amor.

Mas o que chama mesmo a sua atenção não é o "EU LHE AMO MUITO", mas o desenho do capeta que agora exhibe uma vasta cabeleira AZUL.

Sebastião encara aquela imagem. Magoado, sisudo.

O SATANÁS DE CABELO AZUL.

49

EXT. PONTE - DIA

49

Moisés está sentado no meio da ponte, ele fita o lado de lá, ainda inalcançável, pernas penduradas na direção da água.

Sebastião chega e senta ao lado dele, na mesma posição.

Os dois olham na mesma direção.

SEBASTIÃO

Isso aqui ainda vai custar muito?

Moisés olha para Sebastião, agora um pouco confuso.

Sebastião não para de fitar o lado de lá.

SEBASTIÃO

Eu tenho que seguir minha vida.

Moisés busca algo em seu bolso: a embalagem da bala de coca.

Sebastião olha aquele pequeno plástico vermelho entre os dedos de Moisés.

Com delicadeza, Moisés repousa sua mão sobre a de Sebastião por um breve segundo e deixa a embalagem lá.

Sebastião não contrai nenhum dedo.

Até que o vento carrega o papel da bala para o outro lado da ponte.

50

INT. SALA DE ALFRIZA - NOITE

50

Porta aberta para a rua, televisão ligada num jornal.

Alfriza está na rede.

Fransquinha assiste deitada no sofá.

A paz que paira no ambiente é quebrada pela chegada de Nelsinha.

NELSINHA

Ei, dona Fransquinha, o *Babalu* tá aí, tá?

Alfriza se vira para a garota, sem entender.

E Fransquinha olha Nelsinha com estranheza.

FRANSQUINHA
E desde quando aqui mora algum
Babalu?

NELSINHA
Teu *fí*, *muié*!

FRANSQUINHA
Esse daí eu conheço, tá lá pra
dentro.

NELSINHA
Pois eu vou lá, viu?

Nelsinha passa pela sala sob o olhar estranho de Fransquinha.

FRANSQUINHA
Babalu... eu te figa.

A mulher se levanta do sofá e caminha devagar por onde
Nelsinha seguiu.

51

INT. CASA DE ALFRIZA | QUARTO - DIA

51

Há uma toalha molhada sobre a cama desarrumada.

Sem camisa e de cabelos molhados, Sebastião passa um
desodorante *roll-on* nas axilas.

Nelsinha entra, *rebolante*, espaçosa.

NELSINHA
Ei, a Paquita mandou eu vim te
chamar pra ajudar lá com as coisas
do terço.

Sebastião abre a gaveta superior da cômoda, lá dentro,
camisas dobradas com um cuidado materno.

SEBASTIÃO
Pois eu já ia lá *mermo*.

Sebastião veste uma camiseta.

Nelsinha pega um vidro de perfume que está sobre a cômoda.

Abre, cheira.

NELSINHA
É de marca, né?

Sebastião se olha no espelhinho de moldura laranja enquanto
penteia os cabelos.

SEBASTIÃO
Comprado na loja.

NELSINHA
Ô, me dá *meno* um *hidratantezim*,
minhas coisas é tudo da revista.

SEBASTIÃO
Mulher, acho que dentro da minha
mochila tem uma amostra desse *mermo*
perfume aí. Pega pra tu.

Toda empolgada, Nelsinha pega a mochila pendurada no armador
e a abre com pressa.

Ela vasculha tudo por dentro, ansiosa.

Sebastião, de costas para Nelsinha, pendura o espelho na
parede ao lado da cabeceira da cama.

NELSINHA
Babalu do Nordeste.

Sebastião olha rápido para Nelsinha, assustado.

Ela segura um pequeno adesivo de orelhão.

NELSINHA
Carinhoso, boca quente, meigo.
Adoro beijar e fazer amor...

Sebastião avança pra cima de Nelsinha e arranca, tenta pegar
o bilhete, mas...

NELSINHA
Eitaaaa

... ela corre para o outro lado do quarto.

SEBASTIÃO
Bora, me dá isso aí, porra!

NELSINHA
Atendo homens, mulheres e casais...

Sebastião segura a amiga e toma o anúncio das mãos dela.

SEBASTIÃO
Abestada! Vai que a vó e a mãe
escuta...

Ele guarda o papelzinho e enfia de volta na mochila.

NELSINHA
Escritório, é?

SEBASTIÃO
Anda, bora logo!

Sebastião arrasta a menina para fora do quarto.

52 **EXT. RUAS DE DESERTO - DEPOIS**

52

Por entre a luz amarela dos postes, Sebastião carrega Nelsinha na garupa da bicicleta.

Ele está sério.

Ela parece chateada.

NELSINHA
Tu nem deixou eu pegar o perfume.

Sebastião mantém o silêncio, sempre olhando em frente.

Um sorrisinho malicioso se forma no rosto de Nelsinha.

NELSINHA
Hein... tu já atendeu casal?

Sebastião se vira para ela e a encara com desaprovação.

Ele volta os olhos para a rua à frente.

53 **INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE**

53

Tudo aceso por velas e luzes coloridas.

A Mãe Rainha sobre o palco enfeitado, seu altar.

Diante dela, Paqueta, Madomparo, Alfriza, Maculada e Delaide dão-se as mãos, formam um círculo.

Olhos fechados.

TODAS
Pai Nosso que estais nos céus...

Distantes das mulheres em oração, estão Sebastião e Nelsinha, encostados na entrada.

Silêncio.

TODAS
*Perdoai-nos as nossas ofensas,
 assim como nós perdoamos a quem nos
 tem ofendido...*

Sebastião está que é só tristeza.

54

INT. CASA DE MOISÉS | SALA - NOITE

54

Respiração ofegante.

Sobre a cama, tocados pela luz suave da vela, Zí e Moisés transam.

Ela agarra as costas do marido com desejo, como se pedisse mais e mais dele. Os olhos da mulher estão fechados, a boca levemente aberta.

Moisés se empurra para dentro da mulher num movimento monótono, repetitivo, no automático. Mas forte, quase que com raiva.

Moisés geme, fraco. Amolece o corpo e se esgueira para ficar ao lado da esposa.

Zí cobre seus corpos com o lençol. Ela olha para o marido, como se ansiasse para dizer algo que anda engasgado.

Moisés não desvia os olhos do teto.

ZÍ
 Eu fiz uma promessa... dessa vez
 vai se criar, com fé em Deus.

Moisés encara Zí, aflito.

ZÍ
 A gente tenta até dar certo.

Moisés levanta. Ele pega sua calça e veste.

Ele olha de um lado pro outro, parado, meio sem rumo.

Zí o observa, aguarda um sinal, um apoio.

MOISÉS
 Eu vou... vou ali, viu?

Zí vê o marido sair de casa.

Seus olhos se enchem d'água.

55

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

55

Sozinho pela noite, Moisés pilota sua moto.

Uma confusão estampada em seu rosto, uma vontade absurda de chorar.

Ele segue pelo vazio desta cidade, pensativo.

Até que ele explode em choro.

E segue entre lágrimas.

56

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

56

Silêncio ao redor. Uma ou outra pessoa passa.

Sebastião e Alfriza caminham de braços dados.

Passos calmos, sem pressa. Eles aproveitam o passeio.

SEBASTIÃO

Ô, vó... a senhora ficou com muito zangada comigo quando eu me mandei?

A caminhada segue.

O silêncio se estende por alguns segundos.

ALFRIZA

Era pra tu ter *meno* avisado a gente.

Os olhos angustiados de Sebastião repousam sobre a avó.

ALFRIZA

Foi duma hora pra outra... eu nunca fiquei com raiva de tu, meu *fí*... mas a tua mãe e o teu avô diziam que nunca mais tu entrava dentro daquela casa, não por morte nem doença...

A luz sobre eles diminui.

ALFRIZA

A natureza da Fransquinha é *merminha* a do *véi* pai dela.

Os dois já se aproximam de casa.

De repente, o farol da moto de Moisés ilumina avó e neto.

Sebastião acompanha a passagem do rapaz.

Os dois se olham, existe ali um convite.

Moisés para um pouco lá na frente.

SEBASTIÃO

Vó, eu vou com ele, viu? Mais tarde
eu venho.

Sebastião beija a testa da avó e corre para a garupa da moto de Moisés.

Alfriza vê o neto sumir dentro da noite, levado por Moisés.

57

EXT. RIO - NOITE

57

Escuridão.

SONS de grilo e correnteza. Vento soprando o capinzal.

Na sensação de segurança provocada pelo silêncio deste lugar, Moisés, sentado à margem, apenas de cueca, pés na água, admira Sebastião, que está no rio, parado, água até a cintura.

Olhar distante.

SEBASTIÃO

Se nunca mais amanhecesse... acho
que eu ficava aqui pra sempre.

Moisés abre um leve sorriso.

MOISÉS

Tu tem cada uma.

Sebastião olha para o moço de quem tanto gosta.

SEBASTIÃO

Tu também não se sente... é... mais
seguro?

Moisés encara Sebastião, pensativo.

Não sabe o que dizer a respeito.

Sebastião mergulha.

Ele some dentro da água.

Moisés observa o rio, na expectativa da volta de Sebastião, que surge já perto dele, na margem.

Sorrindo, Sebastião sai da água, só de cueca.

Moisés acompanha os passos do rapaz com o olhar, que logo volta com o saquinho de arroz e retira de dentro uma bucha vegetal e um pedacinho de sabão verde.

Sebastião caminha até a água e molha a bucha ao enchê-la de sabão e se aproxima de Moisés.

Então, em movimentos delicados, Sebastião começa a ensaboar o peito nu de Moisés.

A respiração de Moisés se torna mais intensa a medida que Sebastião faz a bucha percorrer seus braços e ombros.

Agora, Sebastião tenta ensaboar o pescoço do outro rapaz, mas acaba lhe arrancando risadas de cócegas.

Os dois se deixam rir. Soltos, livres.

Aos poucos aquelas risadas se prologam, viram outra coisa, vai além do momento, são risos de felicidade mesmo, risos de quem se lembra de um monte de coisa boa.

As risadas somem, mas os sorrisos ficam.

Sebastião desliza a bucha pelas pernas de Moisés, que se mantém quieto, deixando Sebastião cumprir o ritual à sua maneira.

Moisés enfia os dedos no cabelo de Sebastião, a mão passeia pelos fios azuis.

Sebastião olha pra cima, encontra o rosto de Moisés.

Agora, os dedos vacilantes de Moisés, com todo o cuidado do mundo, como se tivesse medo, encostam no lábio inferior de Sebastião, que estremece ao primeiro toque.

Os dedos de Moisés viajam de um lado para o outro, de um lado para o outro.

Sebastião não pisca, os olhos parados, duros e lacrimejantes estão naquele rapaz cheio de espuma.

Então, Sebastião larga a bucha no rio, o sabão sobre a areia e desliza sua mão sobre o peito ensaboado de Moisés.

Pelo pescoço... pelo rosto.

Abruptamente, Moisés puxa o rosto de Sebastião para mais perto.

E se olham, assim, quase dentro um do outro.

Até se envolverem num beijo de corpos colados.

Sebastião se desvencilha do beijo e levanta. Fica ali de pé, encarando Moisés, que

Volta a sentar-se, confuso com a interrupção brusca do momento.

Até que Sebastião arranca do corpo a única peça que ainda o separa da nudez, a cueca.

Moisés contempla aquele movimento.

Um olhar sobre Moisés, uma mordida no lábio inferior e... Sebastião pula na água.

Segundos depois, Moisés o acompanha.

58

INT. SALA DE ALFRIZA - NOITE

58

A luz ainda está acesa.

Sebastião entra com um sorriso estampado no rosto, jeito de quem foi no paraíso e voltou.

Ele fecha a porta com cuidado, silêncio.

Só então é que percebe Fransquinha deitada no sofá. Ela fuma um cigarro, séria.

SEBASTIÃO

Tá sem sono, é?

Fransquinha fica de pé, decidida, olhos firmes na direção de Sebastião.

Eles estão cara a cara, mas a rede que corta a sala faz mãe e filho ocuparem lados opostos.

Sebastião fita Fransquinha com certa estranheza.

FRANSQUINHA

Fí é uma coisa que faz a mãe perder o sono desde o dia que nasce.

SEBASTIÃO

Pois pronto, eu já tô em casa, pode ir dormir.

Sebastião tira o cigarro da mãe e traga.

A mulher o observa, séria.

FRANSQUINHA

Eu escutei.

Ele devolve o cigarro para a mãe.

SEBASTIÃO

O quê, mulher?

Sem olhar para o filho, ela puxa um trago do cigarro.

Sebastião vê a mãe retirar um bilhete do bolso. Seus lábios tremem, os olhos se enchem d'água.

SEBASTIÃO

A senhora mexeu nas minhas coisas!

Fransquinha avança sobre Sebastião.

A fúria dela sai num sussurro, um cuidado para Alfriza não acordar.

FRANSQUINHA

Era por isso que aquela *cunhãzinha* tava te chamando de *Babalu*!

O rosto de mãe e filho tão próximos, a respiração pesada dos dois se misturando.

FRANSQUINHA

Foi pra isso que tu abandonou tua família?! Foi?!

Fransquinha segura Sebastião pelos cabelos e o puxa para ainda mais perto.

Encarando o rosto furioso da mãe, o rapaz segura o choro.

FRANSQUINHA

Eu logo vi que esse cabelo aqui dessa cor num era boa coisa!

Sebastião se solta da mãe e choca as costas contra a parede.

SEBASTIÃO

O que é que uma pessoa que nunca saiu desse fim de mundo sabe da vida lá fora?

FRANSQUINHA

Desde quando andar com *sem vergonha* é vida?

Fios azuis ficam entre os dedos de Fransquinha, que amassa o papelzinho do anúncio.

SEBASTIÃO

Num é mermo, não! Você pensa que era isso que eu queria?!

Ela atira a bolinha de papel no filho.

FRANSQUINHA

Tu só me dar vergonha... desde pequeno.

SEBASTIÃO

Ninguém mandou você dar pra um estranho que veio botar luz aqui!

Com mais raiva, Fransquinha levanta a rede de uma vez e vai para perto de Sebastião, como se fosse bater nele.

FRANSQUINHA

Tu tá pensando que eu sou tuas *pariceira*, é?

Pausa.

Respirações pesadas.

Sebastião se encolhe como uma criança com medo de apanhar.

FRANSQUINHA

Teu avô *quais* me bota pra correr quando eu fiquei buchuda... eu fiz foi brigar com ele pra te ter. Esse aqui o meu pago?

Breve pausa.

Fransquinha bufa.

FRANSQUINHA

É como o dizer dos mais *véi*: Quando uma mãe num faz o *fí* chorar, chora por ele.

Os dois se olham profundamente.

É como se, neste momento, ela odiasse a cria.

ALFRIZA (O.S.)

O que é que vocês tanto conversam aí numa hora dessa?

Fransquinha e Sebastião encaram o corredor escuro de onde vem a voz de Alfriza.

Eles se afastam, trocam olhares bélicos, rápidos.

FRANSQUINHA
 Volta pro teu São Paulo, Babalu...
 o nome do meu fí é Sebastião.

Fransquinha some na escuridão do corredor.

FRANSQUINHA (O.S.)
 Vá se deitar, mulher.

Sebastião olha da escuridão para o papelzinho amassado esquecido ali no chão.

59

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

59

É tudo deserto e escuridão.

Sebastião vaga sozinho pelo vazio. Por entre silêncios e poeira nos pés.

Por entre as casas espremidas umas entre as outras.

Ele agora chora como nenhuma vez antes.

Um choro que parece preso, acumulado.

Lá atrás, miúda, no escuro, corre Alfriza. Ela segue o neto.

ALFRIZA
 Sebastião, meu fí, tu vai pra onde?

Os gritos da mulher ecoam pela cidade.

Sebastião chora. Ele olha para trás e acompanha os passos acelerados da avó.

SEBASTIÃO
 Vá dormir, vó, vá!

ALFRIZA
 O que foi que a tua mãe disse contigo?

SEBASTIÃO
 Volte logo pra casa, ande!

Sebastião dá as costas para Alfriza e corre.

A velha fica para trás, cansada, mas ainda se esforça para acompanhar o neto.

Sebastião, veloz, some ao longe, por entre a luz dos postes e a escuridão.

60

INT. QUARTO DE PAQUITA - NOITE

60

O local é pequeno. Um velho guarda-roupa de duas portas, espelho quebrado.

As paredes são lotadas de fotos de atores e cantores famosos - Brad Pitt, Rick Martin, Fábio Jr., Thiago Lacerda -.

Um choro carregado.

Paquita está sentada na beirada da cama com Sebastião deitado em seu colo.

Ele chora.

Ela acaricia a cabeça do amigo.

SEBASTIÃO

Eu tô meio que perdido, Paquita...
com um medo tão grande de voltar
pra lá e ao *mermo* tempo parece que
num dá mais pra ficar aqui. Minha
mãe não me perdoa.

Paquita senta ao lado do amigo e o acolhe num abraço.

O Jesus crucificado do terço de Paquita repousa sobre as costas de Sebastião.

SEBASTIÃO

Pra onde diabo é que eu vou agora?

Paquita acaricia as costas do amigo, carinhosa.

PAQUITA

Fica aqui.

SEBASTIÃO

É ruim demais viver longe de casa,
Paquita... e é pior ainda fazer o
que a gente num quer.

Sebastião enterra o rosto no colo da amiga.

SEBASTIÃO

Sabe a vida que tu levava por essas
estradas antes de chegar aqui? Pois
é isso que eu vivo lá.

Paquita se dobra sobre o amigo e o abraça.

SEBASTIÃO

São Paulo é uma estrada longa
demais que só me leva pra mais
longe de casa.

Os dois ficam ali, abraçados.

O choro de Sebastião abafado pelo ombro de Paquita.

Até que ele se desprende. Fica de pé.

Sebastião e Paquita se encaram.,

Então ele sai.

61

EXT. PONTE - AMANHECENDO

61

A noite se desfaz com o toque do sol.

Sebastião está deitado no meio da ponte, ainda incompleta.

As pernas dele penduradas apontam para o rio.

Os olhos no céu. Olhos murchos, cansados.

O ronco de uma moto invade a calmaria.

É Moisés que chega. Ele carrega tábuas.

Ele avista Sebastião deitado lá na ponte e corre ao seu encontro.

Os passos de Moisés fazem a ponte tremer, o corpo de Sebastião se movimenta.

Moisés para bem ao lado de Sebastião e se agacha.

MOISÉS

Dian... o que é que tu faz aqui?

Sebastião não interage com Moisés, é como se ainda estivesse sozinho.

SEBASTIÃO

Será que se tu tivesse ido comigo
tinha sido diferente?

Moisés não entende bem a conversa.

SEBASTIÃO

Será que a gente *ia tá* aqui agora?

Moisés senta ao lado da cabeça de Sebastião.

MOISÉS

Tem vez que tu fala umas coisa tão difícil da gente pensar.

Moisés acaricia os cabelos de Sebastião.

MOISÉS

Tá dando certo desse jeito... aqui *mermo*, do jeito que era antigamente.

Sebastião interrompe o carinho de Moisés e se senta.

SEBASTIÃO

Tá dando certo pra tu que nunca arriscou nada, não deu a cara a tapa!

Moisés desvia o olhar de Sebastião.

SEBASTIÃO

Pra tu que desistiu... tu que é um homem casado, trabalhador...

Moisés se aproxima de Sebastião e o seu rosto.

MOISÉS

Pois se tu quiser eu vou contigo!

Sebastião empurra a mão de Moisés.

SEBASTIÃO

Vai nada!

MOISÉS

Vou, sim! Tô dizendo!

SEBASTIÃO

Tu diz isso agora, na hora tu desiste.

Moisés segura Sebastião pelos pulsos e o encara, olhar firme.

MOISÉS

Eu passei foi *cinco* ano aqui te esperando.

Seus rostos estão perto demais.

Sebastião luta para se soltar de Moisés, como um bicho selvagem, mas no fundo não é o que ele quer.

62 **INT. IGREJA ABANDONADA - DIA**

62

O sol entra pelos buracos.

Moisés está sentado num antigo banco de madeira, sem camisa.

Atrás dele, Sebastião espreme uma garrafinha de água oxigenada dentro d'uma embalagem de margarina.

Sebastião veste as mãos com sacolas e começa a espalhar o líquido branco nos cabelos de Moisés, que fecha os olhos e aprecia o momento.

Gotas caem sobre os ombros de Moisés.

Sebastião cumpre o ritual com muita delicadeza, o olhos vez ou outra sobre a face serena de Moisés.

63 **EXT. RUAS DE DESERTO - DIA**

63

Com os cabelos agora descoloridos, Moisés atravessa a cidade em sua moto. Cabeça erguida, leve sorriso no rosto, peito nu.

Liberdade.

As pessoas observam sua passagem, mas Moisés nem liga para elas.

64 **INT. QUARTO DE PAQUITA - DIA**

64

Os galãs pendurados na parede encaram Sebastião, que está deitado na cama, olhos abertos, parados. Respiração leve.

Sentada na beirada da cama, Paquita observa o amigo.

SEBASTIÃO

Por mim eu tinha me mandado ontem
mermo.

PAQUITA

Ô menino *réi* sem juízo.

Paquita faz um carinho na cabeça de Sebastião, que...

... se mantém imóvel.

SEBASTIÃO

Eu vou ficar aqui até Moisés
ajeitar a ponte, viu?

Silêncio.

Sebastião olha para a amiga, busca uma resposta.

Paquita faz que sim com a cabeça.

Ele põe a mão sobre a dela.

SEBASTIÃO

Dessa vez ele vai comigo.

Os dois apertam as mãos de um jeito carinhoso.

Madomparo surge à porta.

MADOMPARO

Ei, Sebastião, tua vó tá aí.

Sebastião olha para Paquita.

A amiga faz que sim com a cabeça.

65

EXT. QUINTAL DE PAQUITA - DIA

65

Uma música brega vem do bar.

Roupa penduradas no varal: *jaguar print*, estampas selvagens, calcinhas fio dental.

Galinhas ciscam pelo capim seco.

Ali estão Sebastião e Alfriza, sentados em lajotas.

Lado a lado.

Eles se olham com carinho. A mão dela dentro da dele. Os olhos dele no rosto triste e flácido dela.

ALFRIZA

Meu *fí*, volte lá pra casa, largue de besteira.

SEBASTIÃO

Ô, vó, me deixe...

ALFRIZA

Eu ainda tô pra saber o que foi que tua mãe disse contigo.

Sebastião parece não reparar muito nas palavras, sua atenção está toda voltada para o rosto daquela mulher já tão vivida.

Ele arruma o cabelo dela, coloca uma mecha atrás da orelha.

Alfriza se deixa levar pelos carinhos do neto.

SEBASTIÃO
 Ô véa bonita.

Ela acha graça, como quem discorda, mas no fundo gosta do elogio.

ALFRIZA
 Só se for *mermo*, uma couro véa
 dessa.

Os dois trocam sorrisos, as mãos ainda dadas.

SEBASTIÃO
 Ela num vai me perdoar nunca por
 ter deixado vocês, né?

ALFRIZA
 Perdoa, meu *fí*, perdoa... Mãe é
 mãe. Tenha um *tiquim* paciência.

SEBASTIÃO
 A senhora nunca ficou zangada
 comigo *mermo*?

ALFRIZA
 Olhe... não. Fiquei foi triste,
 preocupada. Tu nem avisou nós, se
 mandou sem dizer nem "*até logo*".

SEBASTIÃO
 Ô, vó...

Sebastião deita a cabeça no colo de Alfriza.

A avó afaga os cabelos azuis do neto.

66

EXT. CAMPO DE FUTEBOL - NOITE

66

Silêncio e vazio.

Um poste ilumina a solidão de Sebastião, que olha a cidade à distância.

Ele olha o espaço ao seu redor: as traves, a areia que cobre a área, a mata escura lá atrás...

Sua vista retorna à cidade.

Sebastião solta um grito que vem de suas profundezas. Um grito para a cidade, para cada um que habita aquele lugar.

Sebastião grita ainda mais alto...

Lágrimas molham o seu rosto.

Gritos no vazio.

67

INT. BODEGA - NOITE

67

O radinho sobre o balcão toca um forró.

Seu Chico, sentado num banquinho de madeira, vê Moisés entrar no estabelecimento.

Teteu e Martiano jogam sinuca.

Os dois soltam uma risada enquanto Moisés caminha até o balcão.

MOISÉS

Seu Chico, me veja dois real de
balinha de coca.

Com um sorriso irônico no rosto, o comerciante levanta e se dirige ao baleiro.

Teteu e Martiano soltam risinhos.

Seu Chico coloca o montinho de balas sobre o balcão e...

Moisés as leva ao bolso.

Em seguida, ele retira moedas do bolso e as coloca sobre o balcão.

Ele faz um aceno de cabeça para o dono da bodega e caminha em direção à saída.

MARTIANO

Eita, Teteu, que agora nós têm uma
lôra de respeito aqui em Deserto.

As risadas crescem.

Moisés para e, cheio de raiva, encara Martiano.

MOISÉS

Como é a história aí?

Martiano parece fingir que Moisés não está ali, ele passa giz no bico do taco, tranquilo e calmo, até ser empurrado por Moisés.

MOISÉS

Anda, vagabundo, repete o que tu
disse inda agorinha!

Teteu, olhando preocupado para a cena, deixa o seu taco sobre a sinuca.

Ele toca o ombro de Moisés.

TETEU
Segue teu rumo, macho.

Moisés empurra a mão de Teteu, furioso.

Martiano atira o giz longe e cresce para cima de Moisés com o taco.

MARTIANO
Ô Lôrinha disgramada!

Teteu se coloca entre os dois e tenta afastar Moisés dali, empurra-o para a porta.

Seu Chico se aproxima.

Moisés e Martiano se encaram como dois cães bravos.

SEU CHICO
Tão se estranhando por quê? Vocês
são tudo amigo.

MARTIANO
Eu lá sou amigo dum fresco desse!

Moisés tenta acertar um soco em Martiano.

Mas Teteu o segura.

TETEU
Sai daqui, Moisés... Quem ouve
conselho não ouve pancada.

MARTIANO
Depois tu faz que nem o outro,
pinta de azul.

Cego de raiva, Moisés não vê Teteu, não vê mais nada.

Ele voa em cima de Martiano e o pega pela gola da camisa, mas é empurrado e se choca contra a sinuca.

Moisés pega uma bola de sinuca e acerta a testa do adversário.

Martiano baixa a cabeça, o rosto contraído de dor.

MARTIANO

Seu *fí* que quenga! Baitola do
carai!

Teteu pula na frente de Martiano, tenta segurá-lo, mas recebe um empurrão.

Martiano, tomado de ódio, alveja Moisés com golpes fortes de taco.

MARTIANO

Cadê, tu num é o bichão?!

Aos berros, Moisés cai. O sangue mancha o seu rosto.

Martiano está tão enfurecido que chega a babar.

Golpes, gritaria e sangue.

68

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

68

Quase escuridão, um forró toca baixinho.

Sebastião caminha pelo salão.

Ele vai até a tomada ao lado da entrada e pluga as luzinhas coloridas ali. Algumas faíscas saem com o contato, as luzes piscam de maneiras descontrolada.

Então Paquita chega e se assusta com a cena.

PAQUITA

Ei, desliga isso daí, doido! Essa
tomada *réa* tá meia ruim, um perigo
da perigo da porra.

Sebastião puxa de uma vez e tudo se apaga.

PAQUITA

Tô indo pra novena... hoje é lá na
tua vó. Quer ir, não?

Sebastião reflete um pouco. Mas responde "não" com a cabeça.

PAQUITA

Tá certo.

Paquita acena um *tchauzinho* para o amigo e sai.

Sebastião fica ali parado, os olhos fixos na porta.

Ele ignora o aviso de Paquita e volta a acender as luzinhas.

Ele observa as faíscas, o piscar descontrolado...

Mas logo tudo para e ele olha tranquilo pelo ambiente iluminado e colorido.

Até que Nelsinha e Madomparo entram. Mãos dadas, risos.

Sebastião corre até o palco. Ele retira o microfone do pedestal e aponta para Nelsinha.

SEBASTIÃO
(ao microfone)
E aí, rapariga, *rumbora* cantar?

Com um largo sorriso no rosto, Nelsinha encara o amigo. Só depois ela se solta de Madomparo e se junta a Sebastião no palco.

NELSINHA
As "Pariceiras do Forró" vão
voltar, é?

SEBASTIÃO
Pelo menos essa noite eu garanto.

Madomparo sobe ao palco e entrega o outro microfone para Nelsinha.

69 **INT. CASA DE MOISÉS | SALA - NOITE**

69

Zí está sozinha, concentrada na novela que passa na TV.

Tudo está calmo.

Até que Moisés, bastante machucado, entra com tudo, nem olha para o lado, passa pela sala.

Zí se assusta, levanta da cadeira.

ZÍ
Hômi, o que foi isso daí, pelo amor
de Deus?

E sai atrás dele.

70 **INT. CASA DE MOISÉS | QUARTO - NOITE**

70

Moisés se agacha ao lado da cama e puxa ali de baixo sua caixa de ferramentas.

Zí aparece atrás dele, os olhos arregalados, aflita ao ver o marido nesse estado.

Zí
Teu cabelo...

Moisés encara a mulher, os olhos miúdos por conta dos machucados.

Ela parece tão confusa, sem saber o que aconteceu, sem saber o que fazer.

Olhando para Zí, Moisés chora.

A mulher se aproxima do marido e o puxa para um abraço protetor, como uma mãe que cuida do filho amedrontado.

Zí
Ô, meu bem... o que foi que fizeram
contigo?

Zí embala o choro de Moisés por mais alguns segundos.

Até ele se desvencilhar e sair pela porta do quarto.

Zí
Moisés!

Zí o segue.

71

EXT. CASA DE MOISÉS | FACHADA - NOITE

71

Moisés atravessa a saída, apressado e caminha na direção de sua moto.

Zí chega, afobada.

Zí
Tu vai pra onde?

Moisés sobe na moto. Liga.

Zí corre para perto dele, mas...

Zí
Moisés!

... Moisés acelera e parte com tudo.

A mulher, desesperada, corre pela rua atrás do marido.

Mesmo que ele já esteja tão longe.

72 **EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE**

72

Assistida pelas pessoas na calçada e os passantes, Zí corre pela rua, sem enxergar ninguém a sua volta.

Os olhos dela estão firmes lá na frente, o mundo ao seu redor não existe.

Zí
Moisés!

Sua respiração é arfante, o suor escorre pelo rosto.

73 **EXT. RUA EM FRENTE AO FORROZÃO - NOITE**

73

Zí passa correndo por ali.

As vozes de Sebastião e Nelsinha saem de dentro do Forrozão.

A dupla canta "ALÉM DO HORIZONTE", da Banda Líbanos.

SEBASTIÃO E NELSINHA (O.S.)
*O que vou fazer nesse mundo sem
saber
Por onde andar, onde tu está
Viver nesse mundo assim, sem ao
menos poder te sentir...*

As vozes acompanham a corrida desesperada de Zí.

74 **INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE**

74

Sebastião e Nelsinha fazem sua performance pelo salão. Dançam ao lado de Madomparo.

SEBASTIÃO E NELSINHA
*E ao olhar para trás, não quero ver
a nossa história acabar
Se o que vivemos está em cada
instante, não dá pra apagar.*

Nelsinha para de cantar e se envolve numa dança coladinha com Madomparo.

Sebastião volta ao palco e canta para embalar a dança das amigas.

SEBASTIÃO
(cantando)
*Vou além do céu e o mar, vou além
do horizonte te buscar*
(MORE)

Eu preciso dizer, não vou te esquecer.

Ele sorri para o beijo de Madomparo e Nelsinha sob luzinhas coloridas.

75

EXT. PONTE - NOITE

75

Escuridão, som alto de correnteza e marteladas.

No meio da ponte, Moisés, sozinho. Ele acerta aquele prego na tábua com tanta fúria, como se batesse em seu algoz, como se desse um fim a tudo e todos que lhe causaram o sofrimento de uma vida inteira.

Sua respiração é pesada, cansada. Ele geme a cada movimento, o som sai por entre os dentes.

Os golpes são certos, violentos.

76

INT. QUARTO DE PAQUITA - NOITE

76

Esparramados na cama de Paquita, Sebastião, Madomparo e Nelsinha dividem um cigarro.

O cigarro passa de mão em mão, de boca em boca.

Fumaça solta pelo ar.

O rádio transmite uma música brega alta e com chiados.

NELSINHA

Nós devia era se mandar mais o Sebastião e o Moisés, Madom.

Madomparo entrega o cigarro para Nelsinha.

MADOMPARO

E largar a Paquita aqui? De jeito nenhum, Paquita é minha família.

NELSINHA

Ora, se o Sebastião vai deixar é a mãe e a vó e num tá nem aí.

Sebastião recebe o cigarro de Nelsinha, mas não traga, segura o cigarro entre os dedos, reflete sobre o que acabou de ouvir.

Madomparo levanta o tronco e respira fundo. Ela estranha alguma coisa.

MADOMPARO
Que diabo de catinga de fumaça é
essa?

NELSINHA
Do cigarro, oxe.

Desconfiada, Madomparo caminha para fora do quarto.

77 **INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE**

77

A entrada da boate está EM CHAMAS.

O fogo se espalha pelos fios e alcança o teto, de onde os
discos da decoração caem derretidos, acesos.

Madomparo chega e se desespera ao ver a cena.

Ela corre de volta para o...

78 **INT. QUARTO DE PAQUITA - NOITE**

78

Madomparo entra às pressas, em pânico.

MADOMPARO
Bora, galera, ligeiro, tá pegando
fogo lá fora!

Sebastião e Nelsinha pulam da cama, assustados.

NELSINHA
Eita porra!

Os três correm para fora do quarto.

79 **INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE**

79

O fogo consome toda a entrada, não tem saída.

Nelsinha arrasta Sebastião e Madomparo pela mão.

NELSINHA
Rumbora, dá pra nós passar
correndo!

Madomparo segura Nelsinha.

MADOMPARO
Tu tá doida, Nelsinha? nós vamo é
se queimar!

NELSINHA

E aí nós vamo ficar aqui pra morrer, é?

SEBASTIÃO

Eu num vou morrer aqui de jeito nenhum! Vamo pegar água lá no quintal pra apagar!

O fogo derrete as cadeiras e mesas de plástico. No palco, um espetáculo de labaredas consome o pedestal com o microfone e as caixas de som.

Na prateleira de bebidas, garrafas de cachaça estouram e servem de combustível para a farra do fogo.

80

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

80

Os passos ligeiros de três crianças levantam poeira pela noite, entre gritos e correria.

CRIANÇAS

Tá pegando fogo no forrozão!

Elas correm ao longo da rua.

As pessoas saem de suas casas e se aglomeram nas calçadas, aos cochichos.

81

INT. SALA DE ALFRIZA - NOITE

81

As mulheres estão de mãos dadas e olhos fechados. Elas entoam as últimas palavras de uma oração.

TODAS

Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente aquelas que mais precisarem.

Um menino entra com tudo e interrompe a novena.

MENINO

Paquita, tá pegando fogo lá no Forrozão!

Paquita treme com a notícia.

O vozerio confuso de mulheres se instala.

MENINO

É sério!

PAQUITA

Não... não... não... é minha casa!
Meu lar!

Paquita sai desembestada.

Todas as mulheres ali presentes saem atrás dela.

82

EXT. RUAS DE DESERTO - NOITE

82

Paquita corre desesperada pela rua, seguida por uma dezena de mulheres, é quase uma procissão apressada.

PAQUITA

Defenda minha casa, meu Deus!
Proteja minha casa!

Fransquinha corre por entre todas aquelas mulheres, aflita.
Ela ultrapassa todas, veloz.

83

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

83

Sebastião, Madomparo e Nelsinha carregam juntas, com todo esforço, uma bacia de alumínio cheia de água.

O fogo se agiganta diante deles.

Nelsinha se revolta, larga a bacia e começa a chorar.

Sebastião e Madomparo se esforçam para não deixar a água derramar.

NELSINHA

A gente devia era ter saído logo!

SEBASTIÃO

Anda, mulher, segura isso aqui!

NELSINHA

Eu quero é sair desse inferno!

Dá para ver que Madomparo já não aguenta mais o peso da bacia d'água.

MADOMPARO

Vai, Sebastião, anda!

Sebastião e Madomparo atiram a água sobre o fogo, mas ainda não é o bastante.

As chamas crescem por todos os lados.

NELSINHA

Socorro!

Madomparo corre para os fundos.

Sebastião mantém os olhos, vermelhos e chorosos, no teto, onde as luzinhas coloridas insistem em competir com o brilho do fogo.

Aos poucos, as chamas ganham o teto e a cor das luzes vai sendo retorcida pelo laranja até desaparecerem.

Madomparo ressurgue. Ela carrega três garrafas de refrigerante cheias de água.

MADOMPARO

Tem mais lá na cozinha! Vão lá buscar!

Sebastião obedece e puxa Nelsinha junto.

Madomparo começa a despejar a água sobre o fogo.

84

EXT. EM FRENTE AO FORROZÃO - NOITE

84

Quando Paquita e as outras mulheres chegam, todo o povo da cidade já está reunido ali em frente.

Paquita passa por todos, aos prantos.

PAQUITA

Meu Forrozão! Meus amigos tão lá!

Paquita avança para se enfiar no estabelecimento em chamas.

Mas é impedida por Teteu, que a segura.

TETEU

Nós vamos salvar teu Forrozão, muié!

Teteu fica de frente para todos.

TETEU

Ô meu povo! Ei! Vamo todo mundo aqui correr pra casa, encher tudo quanto é de balde e fazer alguma coisa! É com nós *mermo*!

Entre gritos e conversas, a aglomeração começa a se desfazer numa correria.

Gente indo de um lado para o outro, vozerio alto.

Zí permanece algum tempo parada ali no meio da multidão, ela encara o Forrozão em chamas.

Só depois é que ela desperta e corre na direção de casa.

85 **INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE**

85

Sebastião despeja uma garrafa pet de água sobre as chamas ao redor deles. Dá para ver em seu rosto que agora ele tem bastante medo.

A água da garrafa acaba, mas ele continua ali parado, a derramar uma água imaginária.

86 **EXT. EM FRENTE AO FORROZÃO - NOITE**

86

O povo de Deserto está numa correria.

Pessoas para lá e para cá com baldes nas mãos, elas jogam água contra o fogo que consome o bar.

Alguma mulheres estão reunidas em torno de Paquita. Elas tentam consolá-la. De terço na mão, rezam em coro. Paquita é como uma santa que chora no meio delas.

Zí corre com dois baldes d'água cheios. O suor escorre por seu rosto.

Fransquinha abre caminho por entre as pessoas enquanto carrega um galão de água entre os braços, visivelmente muito pesado.

A mulher se esforça, dá o máximo de si para chegar até o local.

Quando alcança a calçada, Fransquinha, de rosto suado, olhos de quem já chorou e respiração ofegante, empenha mais esforço no ato de abrir o galão.

Ele deposita toda a força que ainda lhe resta em atirar a água contra o fogo que consome a fachada.

Ela demonstra cansaço, mas olha ao seu redor e vê mais pessoas jogando água sobre o fogo, então respira fundo e refaz o caminho, agora com o galão vazio.

87 **EXT. PONTE - NOITE**

87

Moisés está ofegante, sentado no meio da ponte.

Ele limpa o suor do rosto, que se mistura ao sangue já ressecado. Então, ele deita o rosto nos próprios joelhos, a respiração sai pela boca, os olhos miúdos por conta do inchaço.

Um homem cansado, machucado, mas decidido.

Ele se deixa cair para trás e estica o corpo exausto sobre a ponte... INTEIRA.

Todas as tábuas todas no lugar, pronta para receber travessias.

Moisés olha para o alto e percebe uma fumaça que vem da cidade e cresce acima da mata.

Ele se concentra nesta visão.

88

EXT. EM FRENTE AO FORROZÃO - NOITE

88

A mesma confusão de fogo, baldes d'água e gritaria.

Mas as chamas já começam a diminuir do lado de fora, por isso a gritaria, a comemoração.

Teteu e Martiano entram no local.

Fransquinha, que chega com mais um galão, vê os dois entrarem no bar.

Ela larga o galão, que se espatifa no chão, e corre para dentro também.

Alfriza, no meio das outras mulheres, se desespera ao ver a filha se arriscar assim.

ALFRIZA

Fran, minha fía, volta pra cá, pelo amor de Deus!

Alfriza faz que vai atrás da filha, mas é interrompida pelo toque de Zí em seu ombro, que a puxa para junto dela e tenta acalmá-la.

89

INT. FORROZÃO DA PAQUITA - NOITE

89

Sebastião e as amigas veem as pessoas que entram, carregadas de baldes d'água que atiram sobre as chamas.

Outras pessoas entram para ajudar.

Vozerio alto.

NELSINHA

Aqui, galera! Joga água aqui!

Nelsinha balança os braços para chamar a atenção.

As pessoas lutam contra o fogo perto dos três amigos.

Os baldes são esvaziados, outros chegam.

Sebastião e a mãe se encontram por entre as chamas, uma troca de olhares cheia de medo, como se dissessem: *isso não vai terminar assim, não pode!*

Fransquinha recebe os baldes de um homem que chega.

Então ela corre para atirar a água sobre o fogo que cerca Sebastião e as amigas.

Sebastião chora perante a força da mãe.

SEBASTIÃO

Ô, mãe, tenha cuidado!

Ela joga a água sobre o fogo que a separa do filho, decidida, violenta, cheia de fúria.

Um caminho seguro é aberto diante de Sebastião,

Madomparo e Nelsinha.

Então Teteu segura a mão de Nelsinha e a puxa com força.

Martiano salta para perto de Madomparo e a tira de lá.

Fransquinha larga os baldes no chão e se atira sobre o filho, aperta ele contra o seu peito e o protege dentro de um abraço.

Sebastião agarra a cintura da mãe.

FRANSQUINHA

Rumbora pra casa!

Juntos, mãe e filho saltam o círculo de fogo.

E todos deixam o bar para trás.

O local que antes brilhava em luzes neon, músicas e cor, agora parece um cenário pós-apocalíptico.

90

EXT. EM FRENTE AO FORROZÃO - NOITE

90

Há baldes e gente espalhada pela rua coberta de cinza. Um aglomerado de conversas ininteligíveis e olhares piedosos.

O bar ainda está de pé, a fachada escura, lembrança deixada pelo fogo.

Sebastião está sentado na calçada, envolvido num abraço de avó.

Fransquinha está de pé na frente de Alfriza e Sebastião, comovida.

Paquita cuida de Madomparo e Nelsinha enquanto seus olhos chorosos encaram o seu lar, que felizmente foi salvo.

Uma moto chega no local, é Moisés.

Ele vê a ruma de gente em frente ao bar, então para a moto e anda por entre o povo, todo confuso, olhos curiosos.

Ele passa ao lado de Zí, mas nem a percebe ali.

Ela observa o marido se aproximar de Sebastião.

Moisés paralisa.

Sebastião ergue o olhar e para no rosto de Moisés.

Aquele rosto machucado. O sangue pregado à pele, seco, os olhos murchos, a sobancelha cortada ao meio, o lábio superior inchado.

Segue-se um longo silêncio.

MOISÉS

Tu... tu tá bem?

Sebastião faz que sim com a cabeça, os olhos ameaçam chorar.

ALFRIZA

Meu *fí* tá precisando é dum *bãe*, de descanso. *Rumbora?*

Alfriza conduz para fora da multidão.

Fransquinha os segue.

Ao cruzarem por Moisés, os dois rapazes trocam olhares.

Sebastião parece triste demais.

O rosto de Moisés está tenso, confuso.

E os olhos dele seguem Sebastião...

MOISÉS

Ei!

Sebastião para, olha para trás.

Zí está imersa na imagem do marido parado ali na frente.

MOISÉS

Eu queria dizer pra todo mundo que
a ponte já tá ajeitada, viu?

Moisés só olha para Sebastião.

MOISÉS

Tamo preso aqui mais, não.

E o povo comemora com palmas e gritos.

Sebastião concorda com a cabeça, decidido e vai embora ao lado da mãe e da avó.

91

INT. CASA DE MOISÉS | QUARTO - NOITE

91

Silêncio. Quase escuridão total.

Moisés abre a gaveta da cômoda.

Ele começa a retirar suas roupas de dentro e as enfia dentro de uma mochila.

O SOM de um abrir e fechar de porta vem lá de fora.

Moisés interrompe por um instante o esvaziar da gaveta e olha para a entrada do quarto, por onde...

Zí entra.

ZÍ

Moisés?

Silêncio.

Ela se aproxima do marido.

Olha para a gaveta quase vazia, a mochila cheia na mão dele.

Indignada, Zí segura o ombro do marido e tenta fazer com que ele olhe para ela.

ZÍ

O que diabo é que tu tá fazendo?

Moisés não responde.

Então Zí fecha a gaveta de uma vez.

ZÍ
Tu tá moco, Moisés? Hein?!

MOISÉS
Se deite, Zí... durma!

ZÍ
Cuma é que eu vou dormir vendo tu
desse jeito?!

A respiração de Zí se torna pesada, ofegante.

ZÍ
Entra *dendi* casa que nem um
redemoin, Cabelo louro, cara toda
arrebentada... da *cum* pouca sai que
nem um doido sem nem dizer pra onde
é que vai, pra onde é que num
vai...

Um silêncio pesado preenche o espaço.

ZÍ
Eu corri que nem uma louca por esse
Deserto atrás de tu.

Moisés morde o lábio inferior, tremendo, os olhos se enchendo
d'água.

ZÍ
Me explica *cuma* é que dorme desse
jeito? Sem entender... sem saber de
nada... feito uma abestada *réa* aqui
esperando o diabo dum homem que...
nem parece o *mermo* que saiu daqui
hoje bem cedo!

Zí encara o marido com seriedade, respiração intensa, como se
acabasse de sair de uma corrida.

Moisés usa as costas da mão para limpar a lágrima que molha
sua barba.

Ele volta a abrir a gaveta, mas emprega tanta força nisso que
arranca tudo de uma vez.

A gaveta cai no chão.

MOISÉS
Eu vou-me embora!

Zí fica imóvel, os olhos parados, incrédula.

ZÍ
Tu ficou foi doido?

Moisés se ajoelha e enfia suas camisas e calças com desespero na mochila.

Zí observa a cena de cima.

ZÍ
E pra onde é que tu vai?

MOISÉS
Pra longe!

Zí se abaixa e fica cara a cara com Moisés.

ZÍ
Me fala o que foi que aconteceu.
Confia em mim, eu sou a tua mulher.

Moisés começa a chorar.

ZÍ
Por que tu quer se mandar assim? De repente?

MOISÉS
Num é de repente, não, Zí... faz é tempo que eu tento criar coragem pra fazer isso.

ZÍ
Por quê?

MOISÉS
Eu só queria pintar o meu cabelo de lôro, mas aqui eu num posso.

Zí segura a mão de Moisés e o olha nos olhos. Parece querer dizer que com ela estará ali por ele, que ele pode se sentir seguro ao seu lado.

O choro de Moisés se torna mais intenso.

Zí o observa, triste. Até que ela coloca a mão sobre o ombro do marido, delicada.

Lágrimas agora saem dos olhos dela.

De súbito, Zí pega a mochila do marido e fecha o zíper.

Moisés levanta o rosto, numa mistura de incredulidade e carinho.

Zí cola o seu rosto no do marido.

O pranto de um sobre o do outro.

Ele abre a boca, mas reluta, nenhuma palavra sai, apenas murmúrios.

MOISÉS

Eu sei que tu vai ficar zangada...
Mas num me odeie, não.

Moisés tenta escapar, mas Zí o prende junto dela.

Ela o agarra pela camisa, entre lágrimas e raiva.

ZÍ

Tu nunca foi meu homem.

Moisés só chora. O muco escorre do nariz para a boca, o rosto se contrai de dor.

Uma dor tão profunda.

ZÍ

Pra quê que eu vou querer te
prender aqui?

Zí segura o rosto do marido e olha bem nos olhos dele.

ZÍ

Pode ir mais ele.

Moisés afunda ainda mais em suas lágrimas, o corpo treme inteiro e se encolhe. Encolhe até ficar de joelhos diante da mulher.

Ela fica de pé e encara o marido de cima, firme, segurando o choro.

Moisés ali no chão, ajoelhado, miúdo.

MOISÉS

Me perdoe, Zí... num me odeie...

ZÍ

Eu já te disse que pode ir.

Zí aperta os punhos nos cabelos de Moisés e assim os dois permanecem, os corpos se pressionam. Os dois são como uma escultura no meio do quarto.

Eros and Psyche, por Gustav Vigeland.

92 **EXT. CASA DE ALFRIZA | FACHADA - AMANHECENDO**

92

Moisés, de mochila nas costas, para sua moto ali em frente.

Ele começa buzinar com pressa e insistência.

MOISÉS

Sebastião! Anda, sai! *Vamo simhora
daqui!*

A buzina continua.

O povo da cidade começa a aparecer nas calçadas, cabeças curiosas surgem às janelas.

93 **INT. CASA DE ALFRIZA | COZINHA - DIA**

93

Alfriza atiga o fogo. Um longo sopro sobre a lenha em brasas.

Fransquinha está à mesa. Ela toma café.

A BUZINA de Moisés invade este ambiente mudo.

Sebastião surge através da cortina. Tímido, medroso. Arrumado, mochila nas costas, *All Star* vermelho nos pés. Está pronto para partir.

As mulheres reagem à chegada do rapaz.

SEBASTIÃO

Dessa vez eu quero me despedir.

Sebastião e Fransquinha se encaram. Ele amolece perante a mulher que lhe deu a luz, mas ela permanece dura.

Alfriza agarra o neto num abraço. A velha chora.

ALFRIZA

Fique mais nós, meu *fí*. Volte pra'quela cidade réa perigosa, não.

Sebastião encosta o rosto na cabeça branca da avó.

SEBASTIÃO

Só me abençoe, vó... me abençoe que aí vai dar tudo certo.

ALFRIZA

Deus te abençoe, te guie e te proteja por onde tu andar, meu *fí*.

(MORE)

Deus te leve e um dia te traga em
paz.

Abraçado à avó, Sebastião olha para a mãe, que forja uma
falsa tranquilidade ao tomar o seu café.

SEBASTIÃO
Me perdoe, mãe.

Fransquinha estremece.

SEBASTIÃO
Eu num queria sair daqui sem a sua
bênção, não.

Fransquinha se levanta e caminha até a porta. Ela segura o
choro.

FRANSQUINHA
Tu num já foi uma vez sem ela?

O abraço entre avó e neto se desfaz.

ALFRIZA
Anda, Fransquinha, abençoa o
menino!

Fransquinha explode em choro e sai para o quintal.

ALFRIZA
Fransquinha!

Alfriza vai atrás da filha.

Sebastião segue as duas, mas para no alpendre ao olhar para o
Azulão na gaiola.

Ele se aproxima. Repara no bicho preso ali há tantos anos,
que voa de uma lado para o outro.

Sebastião abre a portinha da gaiola. A liberdade para o
passarinho está ali, diante dele, mas o Azulão não sai.

Sebastião parece indignado, não entende.

SEBASTIÃO
Sai, *passarim réi* abestado! Voa!
Vai-te embora!

Mas o passarinho continua ali na sua gaiola.

A buzina de Moisés soa lá fora.

Lá atrás, escondido atrás das laranjeiras e bananeiras, o choro acumulado de uma mãe.

ALFRIZA (O.S.)
Vá, menina... vá lá, abençoa teu
fí, perdoa.

Sebastião olha para a gaiola e o Azulão ainda lá dentro.

94 **EXT. CASA DE ALFRIZA | FACHADA - DIA** 94

Sobre a moto, Moisés aguarda Sebastião.

O rapaz chega, salta na garupa, tem pressa.

Sob o olhar dos vizinhos, Moisés acelera e sai.

Sebastião olha para trás, para a casinha onde deixa suas duas mulheres.

Até perder tudo de vista.

95 **EXT. CAMINHO DO RIO - DIA** 95

Cercados de mata e silêncio, por entre sombras e feixes de sol, Moisés e Sebastião passam a bordo da CG 125.

O caminho vazio se estende, parece mais longo, sem fim.

A mata acompanha a vertiginosa passagem dos dois.

Aos poucos, Sebastião começa a fechar os olhos com força, como se uma dor muito forte tomasse conta dele. Os lábios presos um ao outro, estremecidos.

A imagem da ponte surge e Sebastião a encara, com medo.

Ela está inteira.

96 **EXT. PONTE - DIA** 96

Moisés avança sobre a ponte, mas Sebastião aperta seus ombros com força.

SEBASTIÃO
Para aqui, Moisés, pelo amor de
Deus, para!

Moisés desacelera e para aos poucos bem no meio da ponte.

Sebastião desce.

MOISÉS

O que foi?

Sebastião parece cansado.

SEBASTIÃO

Eu acho que dá pra gente ficar.

Moisés reage como se acabasse de ouvir o maior dos absurdos.

MOISÉS

Que história é essa? Nós tamo aqui... eu tô aqui! Não era isso que tu queria?

SEBASTIÃO

Sim, eu queria! Queria!

Sebastião se desespera na busca por palavras, respira pela boca.

SEBASTIÃO

Ou achava que queria... sei lá!

Moisés desce da moto, reflete, nervoso.

MOISÉS

Eu larguei tudo. Chutei minha vida, deixei Zí... fiz ela sofrer que nem... aqui eu tô *fudido*. Agora tu diz que...

Ele se aproxima de Sebastião e o sacode pelos ombros.

MOISÉS

Que porra é essa, Sebastião? O que diabo é que tu quer, macho?

Sebastião põe a mão sobre a de Moisés, que ainda aperta os seus ombros.

SEBASTIÃO

Ficar.

Moisés encara os olhos de Sebastião e respira fundo, uma, duas, três vezes.

MOISÉS

Quem é agora que desiste na hora?

Então o empurra e volta a montar na moto.

SEBASTIÃO

Eu só consigo pensar que... não, eu não posso mais deixar elas pra trás, nem quero mais fugir de nada.

Sebastião contrai o rosto, segura o choro.

MOISÉS

Tu sabe que aqui num dá pra nós dois.

SEBASTIÃO

O mundo lá fora num é muito diferente, não.

MOISÉS

Lá fora num tem ninguém que me conheça.

Silêncio.

Moisés aponta o próprio rosto machucado.

MOISÉS

Tá vendo isso aqui?

Moisés puxa o próprio cabelo, com fúria.

MOISÉS

Foi só por causa disso!

Sebastião começa a chorar.

MOISÉS

Imagina se...

Moisés estremece, a respiração cansada, sem controle. Ele tenta se manter calmo.

MOISÉS

Tu vai ou não?

Os dois se encaram por longos segundos.

Eles reparam em cada detalhe um do outro, os olhos vermelhos e tristes, os dedos das mão dando pequenos tremeliques, os lábios minimamente separados.

Então Sebastião se perde nos fios descoloridos de Moisés.

Como se estes fossem pequenos raios de sol contra o céu azul, balançados de leve pela brisa.

Um movimento calmo, delicado... um breve respiro de paz.

De repente, Sebastião ousa dar um passo... dois... mais um.

Até chegar mais perto de Moisés e envolvê-lo num abraço.

Moisés se mantém sério e até resiste ao primeiro toque de Sebastião.

Mas aos poucos, bem aos poucos, ele se entrega. Deixa suas mãos tocarem as costas de Sebastião e as cabeças se encostam.

O azul de Sebastião se mistura ao amarelo dos cabelos de Moisés.

Um silêncio cruel suspenso sobre eles.

Um silêncio quebrado por um grito que vem de longe.

FRANSQUINHA (O.S.)

Sebastião!

Sebastião se desprende de Moisés e fica de costas para ele, olha na direção do caminho, atento aos gritos da mãe que aos poucos se aproximam.

FRANSQUINHA (O.S.)

Sebastião!

Moisés liga a moto.

O ronco do motor assusta Sebastião, que se vira e vê Moisés pronto para partir.

Sebastião segura Moisés pela camisa, desesperado.

SEBASTIÃO

Para com isso, Moisés! Fica!

Moisés olha com frieza para Sebastião.

MOISÉS

Fique. E fique tranquilo, que eu nunca mais vou quebrar nenhuma ponte pra te prender num lugar.

Os olhos de Sebastião se enchem de surpresa e angústia.

Sebastião aperta o braço de Moisés numa tentativa de segurá-lo ali.

SEBASTIÃO

Faz isso comigo, não!

Mas Moisés acelera e Sebastião, relutante, é obrigado a soltar o rapaz que tanto ama e...

SEBASTIÃO

Moisés!

...o vê avançar sobre a ponte.

As lágrimas crescem ao redor dos olhos de Sebastião.

Moisés segue em frente, sem nunca olhar para trás.

Sebastião vê Moisés longe, minúsculo. Ele some por entre sol e poeira. O horizonte é gigante, o céu é de um azul tão imenso que chega a dar medo.

O mundo está calado.

Esgotado, Sebastião senta bem no meio da ponte.

De repente, Fransquinha surge e se ajoelha ao lado do filho.

Ela cobre Sebastião com um abraço e o protege durante o choro.

97

EXT. RUAS DE DESERTO - DIA

97

As rodas da Monark Tropical corre sobre a poeira de Deserto.

Os pés de Fransquinha pedalam.

E os de Sebastião - com o *All Star* vermelho - estão pendurados atrás, ele vai na garupa.

A mãe carrega o filho de volta para casa.

Os olhos de Sebastião murchos de tanto chorar.

Fransquinha segue com firmeza, há uma paz calma e diferente em seu rosto.

Eles deslizam por entre casas de portas abertas, pela gente na calçada.

Embalados por uma música que sai do radinho de seu Damião, que percorre Deserto em sua bicicleta.

Ao longe, a poeira flutua sobre o campo de futebol, onde meninos comemoram um gol.

Sebastião e Fransquinha passam em frente ao bar do seu Chico.

O senhor da bodega, que fuma seu cigarro de palha, acena para o rapaz que passa na garupa da bicicleta.

Sebastião responde com outro aceno, muito devagar.

Agora eles se aproximam da rua de Paquita.

Sebastião vê o telhado quase todo danificado, a fachada enegrecida.

A *Monark* segue em frente, mas Sebastião não desgruda os olhos do Forrozão.

Até que... lá estão eles na ruazinha da escola.

Sebastião repousa o seu olhar no muro onde o *"EU AINDA LHE AMO MUINTO"* resiste, entre dias de sol e vento.

Os olhos de Sebastião presos na sua declaração de amor, imerso em lembranças.

O rosto de Sebastião.

O *"EU AINDA LHE AMO MUINTO"*.

Os olhos dele, o esboçar de um sorriso tímido ao lembrar de alguém.

Sebastião encosta a cabeça nas costas da mãe, enquanto ela pedala, pedala e pedala...

Sebastião e Fransquinha mergulham na cidade.

Ele fecha os olhos e só aproveita a viagem de volta, em paz. Como se aquela garupa fosse o próprio colo da mãe.

E assim eles seguem em frente.

Até tudo ficar azul...

FIM